

**As
Testemunhas de Jeová
e a
Comemoração da
Morte de Cristo**



'Comei e bebei todos vós'

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ E A COMEMORAÇÃO DA MORTE DE CRISTO

2ª Edição – 2006

Miguel Servet Jr.

MENTES BEREANAS

<http://www.mentesbereanas.cjb.net>

NOTA: Os textos bíblicos citados nesta série são da *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, usada pelas Testemunhas de Jeová (a menos que se especifique outra versão). Em todas as citações que fazemos desta versão e das demais publicações da Torre de Vigia, os sublinhados são nossos.

“Pois eu recebi do Senhor o que também vos transmiti, que o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue, tomou um pão, e, depois de ter dado graças, partiu-o e disse: “Isto significa meu corpo em vosso benefício. Persisti em fazer isso em memória de mim.” Ele fez o mesmo também com respeito ao copo, depois de tomar a refeição noturna, dizendo: “Este copo significa o novo pacto em virtude do meu sangue. Persisti em fazer isso, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.” Pois, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este copo, estais proclamando a morte do Senhor, até que ele chegue.”

1 Coríntios 11:23-26

ÍNDICE

Partes		Página
	Introdução	05
1	O Ensino da Organização Torre de Vigia	08
2	A Primeira Celebração e o “Pacto Para Um Reino”	10
3	O “Novo Pacto” e Seus Participantes	16
4	Os Paralelos Entre a Páscoa Judaica e a Comemoração Cristã	23
5	Participando do Pão e do Vinho Com ‘Dignidade’ e ‘Discernimento’	30
6	‘Comer a Carne e Beber o Sangue de Cristo’	37
7	O ‘Testemunho do Espírito’ (Uma Análise do Capítulo 8 de Romanos)	42
8	O Objetivo da Participação no Pão e no Vinho	52
9	Resumo e Perguntas Respostadas	55
	Conclusão	59
Apêndices		
01	O Discurso da Comemoração da Torre de Vigia (Esboço Comentado)	62
02	Assistências Mundiais à Comemoração da Torre de Vigia	66

[EM BRANCO]

INTRODUÇÃO

A COMEMORAÇÃO da morte sacrificial de Cristo com o uso dos símbolos do pão e do vinho é a única cerimônia religiosa especificada no Novo Testamento. O próprio Jesus, na noite anterior à sua morte, instruiu seus seguidores a realizar regularmente este evento de enorme significado. Conforme a Bíblia indica, os primitivos cristãos acataram essa instrução. E no decorrer dos séculos desde então, tanto cristãos individuais como grupos religiosos organizados continuaram realizando esta celebração e isto é assim até hoje. Grandes e pequenas organizações religiosas fazem isso com regularidade.

Embora todas as organizações cristãs da atualidade tenham um entendimento semelhante quanto ao *significado* da celebração, há certas variações na *maneira* como a efetuam. Não se pode dizer, porém, que estas diferenças sejam profundas. Geralmente elas se referem a aspectos nos quais a própria Bíblia é omissa, tais como a frequência da realização, o horário, o local e até certos detalhes da cerimônia em si.

A Igreja Católica Romana, por exemplo, já há bastante tempo conclama seus fiéis a comparecer aos seus templos (ou então a solenidades feitas ao ar livre), nos quais a celebração é realizada *diariamente* e todos os procedimentos relacionados com o chamado “sacramento da Eucaristia” são bem conhecidos. Um detalhe que chama a atenção é que, embora todos os fiéis comam o pão servido, apenas o sacerdote toma o vinho. Não parece haver por parte desta igreja uma preocupação com horários específicos, uma vez que as missas podem ser feitas em momentos bem diferentes do dia.

Os grupos evangélicos diferenciam-se dos católicos no tocante à *frequência*. Diversos deles entendem que a comemoração deve ser feita em base *semanal*. Já a maior denominação evangélica, a Assembléia de Deus, realiza sua celebração *mensalmente*. E esta costuma ser também realizada nos templos usados para os cultos da igreja. Todos os fiéis participam do pão e do vinho usados, muito embora a liderança desta igreja não insista que o pão seja sem fermento e o vinho seja puro.

Outros grupos celebram com uma frequência ainda menor. Os Adventistas e as Testemunhas de Jeová defendem que a comemoração deve ser feita *anualmente*. Este é também o caso de um bom número de organizações protestantes e evangélicas. Segundo estas ensinam, uma vez que Cristo instituiu a celebração no mesmo dia em que se celebrava a Páscoa judaica e como esta era uma celebração *anual*, então o sacrifício de Cristo deve igualmente ser comemorado apenas *uma vez por ano*. Além do mais, de

acordo com a Bíblia, a Páscoa judaica era comemorada *após o pôr-do-sol* e num *dia específico* do ano, determinado astronomicamente. Como Jesus instituiu a celebração neste mesmo dia e horário, algumas destas organizações insistem na observância atenta destes detalhes.

Cada grupo religioso preocupa-se em apresentar argumentação como base para os procedimentos particulares que segue. Embora não haja aqui a intenção de questionar qualquer destes procedimentos, devemos lembrar o fato simples de que a Bíblia não especifica nenhum deles de maneira clara. O que Cristo fez foi instruir seus seguidores a ‘persistirem’ em realizar o ato ‘em sua memória’, mas, nem nas palavras dele, nem nos escritos apostólicos posteriores, encontramos qualquer diretriz quanto a detalhes tais como “frequência”, “local” e “horário”.

Com relação ao *modo de celebrar*, embora haja variações de igreja para igreja, pode-se dizer também que não existe diferença crucial. Todos os grupos fazem uso do pão e do vinho emblemáticos e todos entendem que estes têm ligação com o corpo e o sangue de Cristo, dados em sacrifício. Talvez a maior diferença neste caso seja entre o ensino católico romano e o dos demais grupos. De acordo com a doutrina católica, ocorre a “transubstanciação” no momento da celebração, isto é, o pão (chamado de “hóstia sagrada”) e o vinho tornam-se realmente o corpo e o sangue de Cristo. Esta idéia se reflete em detalhes do ritual católico. Os demais grupos religiosos discordam desse ensino e argumentam que, embora os símbolos devam ser tratados com respeito, eles são nada mais que uma *representação* da realidade, não ocorrendo, portanto, essa transformação milagrosa.

Diferenças à parte, o fato é que o conceito de *participação comum* está nitidamente presente nas cerimônias realizadas pela grande maioria dos grupos religiosos. Os diversos termos associados à celebração, tais como, “ceia do Senhor” e “comunhão cristã”, sugerem algo feito em grupo, com a participação de todos os presentes e com o objetivo de celebrar alegremente um evento importante para a família cristã.

De um modo geral, as Testemunhas de Jeová também aceitam que a cerimônia está relacionada primariamente com o sacrifício de Cristo, o qual abriu à humanidade a perspectiva de vida eterna. Assim como os demais grupos religiosos, elas se utilizam dos símbolos bíblicos do pão e do vinho e fazem todo o esforço de convidar o maior número possível de pessoas interessadas a comparecer aos seus Salões do Reino por ocasião do evento. Um detalhe que chama a atenção, porém, é que, diferente dos demais grupos religiosos, na celebração que elas realizam *não são todos que participam do pão e do vinho*. Na realidade, qualquer convidado que for a uma celebração promovida pelas Testemunhas, notará imediatamente que, na grande maioria dos locais, *nenhum* dos presentes come o pão ou bebe o vinho. Estes

símbolos apenas circulam de mão em mão dentro do recinto onde se realiza a reunião.

Alguns poderiam dizer que este procedimento pode ser colocado na mesma categoria dos mencionados acima, ou seja, como algo que não é tão crucial assim, sendo apenas uma modalidade particular da celebração que uma determinada igreja resolveu seguir.

Há, contudo, motivos válidos para examinarmos isso. Para muitos cristãos, a questão da participação ou não no pão e no vinho está numa categoria bem diferente das questões referentes a local, horário, etc. De acordo com estas pessoas, a participação é algo intrínseco à celebração e, sem isso, ela perde o sentido. E é justamente neste particular que as Testemunhas vão “na contramão” dos outros movimentos cristãos.

Mas não é só devido ao fato de as Testemunhas procederem de modo contrário aos demais grupos que esta análise é importante. Na verdade, não foram elas que estabeleceram esse procedimento com base na leitura individual da Bíblia. Se fosse assim, toda Testemunha de Jeová saberia explicar de modo fácil e desembaraçado por que não participa do pão e do vinho. Mas não é isso que acontece. A grande maioria delas simplesmente veio a aceitar o que sua entidade controladora, a organização Torre de Vigia ensina sobre o assunto. É por isso que quando alguém de fora da organização pergunta a uma Testemunha por que os membros de sua religião evitam comer o pão e beber o vinho, dificilmente a Testemunha tentará dar uma resposta baseada unicamente na Bíblia. O mais provável é que ela dirija a atenção da pessoa para o que diz uma das publicações da organização que trata do assunto, ou mesmo encaminhe a pessoa para um ancião da igreja ou outro membro mais “qualificado” para responder. E mesmo esta outra pessoa certamente usará as explicações que aparecem nas publicações para dar uma resposta autoritativa.

Logo veremos que existe todo um conjunto de ensinamentos por trás disso. E qualquer um que se ponha a examiná-lo, notará que a argumentação é bem diversificada. Com toda a certeza, os líderes da Torre de Vigia não consideram isso como um detalhe de somenos importância, pois defendem esses ensinamentos com frequência e muito zelo.

Qual é então o fundamento doutrinário desse procedimento seguido na comemoração promovida pela Torre de Vigia, que faz com que as Testemunhas de Jeová se sintam proibidas de fazer algo que os membros das outras igrejas fazem com tanta naturalidade?

O ENSINO DA ORGANIZAÇÃO TORRE DE VIGIA

COMO MUITOS SABEM, as Testemunhas de Jeová entendem os 144.000 (mencionados em Apocalipse 7:4 e 14:1, 3) como um número *literal*. A organização ensina que apenas estes são destinados a irem para o céu. De acordo com a doutrina, eles têm sido escolhidos por Deus desde o primeiro século da Era Cristã e ainda existem alguns vivos na Terra atualmente, que se encontram dentro da organização das Testemunhas de Jeová e em nenhum outro lugar. Uma vez que se crê que todas estas pessoas serão reis e sacerdotes no céu, junto com Cristo, e como a organização alista cerca de 8.000 restando vivos na Terra, as Testemunhas os chamam de “restante ungido”. Entre as Testemunhas de Jeová existem, portanto, duas classes: Os “ungidos”, que são esses cerca de 8.000 membros e a “grande multidão” (conhecida também como “outras ovelhas” ou “jonadabes”), composta pelas demais Testemunhas, que não irão para o céu, mas viverão para sempre na Terra.

Já por muitas décadas este tem sido um ensino peculiar às publicações da Torre de Vigia. E, diferente do que se poderia imaginar, os mais fortes questionamentos dele não têm se originado de membros de outras organizações religiosas, e sim de *ex-Testemunhas de Jeová*. Muita matéria que contesta esse entendimento dos 144.000, como número literal, tem sido escrita por dissidentes da organização. Uma vez que esta série não tem o objetivo primário de questionar isso, não será apresentada toda essa informação aqui. Mas é importante fazermos esta breve referência à doutrina, pois tal informação é essencial para se entender por que a vasta maioria das Testemunhas se abstém de participar do pão e do vinho simbólicos.

Durante a comemoração, se alguma delas participar, os demais presentes concluirão que esta pessoa está afirmando ser parte do “restante ungido”. A idéia é que, quando Jesus instituiu a celebração e disse ‘comei e bebei todos vós’ (Mateus 26:26-28), ele estava falando apenas com os desse grupo. A aplicação que a Torre de Vigia faz desse texto apenas aos 144.000 não é algo isolado. Muitos textos bíblicos que os membros de outras religiões entendem aplicar-se a todos os verdadeiros cristãos são também entendidos desta maneira. Por exemplo, tudo o que o Novo Testamento relaciona com a “nova aliança” (“novo pacto”, segundo a *Tradução do Novo Mundo*) é também aplicado pela Torre de Vigia apenas aos “ungidos”. Além de ensinar que a esperança de vida celestial é exclusividade deles, a organização ensina

também que *somente eles* estão incluídos nessa “nova aliança” e Jesus Cristo é o Mediador apenas entre Deus e eles, ungidos. Nada disso se aplica às outras Testemunhas de Jeová, nem aos demais cristãos.

Mas, e se alguém que não afirma ser desse grupo do restante dos 144.000 comer o pão e beber o vinho usados na Comemoração? As Testemunhas dirão que essa pessoa está “participando indignamente”, e se ela persistir nisso poderá ser julgada adversamente por Deus. Isso porque tal pessoa não recebeu ‘o testemunho do espírito’ (mencionado em Romanos 8:16) e nem é “filho de Deus” no pleno sentido da palavra. Segundo a organização, apenas os 144.000 receberam esse ‘testemunho’ e gozam dessa condição de ‘gerados’ como “filhos de Deus”.

A informação apresentada nos parágrafos acima é apenas um resumo dos ensinamentos tradicionais da Torre de Vigia quanto a este assunto. Existem muitos outros detalhes e as publicações apresentam várias linhas de argumentação em defesa desses ensinamentos. Devemos frisar que esta série de artigos não tem o objetivo de discutir se o número 144.000 é literal ou não. Tampouco há aqui a idéia de questionar ensinamentos bíblicos claros relacionados com o Reino de Deus e com a vida eterna.

A verdadeira questão que constitui o escopo deste trabalho é: *Há realmente base bíblica para essa conexão que a Torre de Vigia faz entre a esperança de vida celestial e a participação no pão e no vinho usados na comemoração da morte de Cristo?* Para se analisar isso, há necessidade de examinarmos os argumentos mais importantes que aparecem nas publicações da organização, verificando-os à luz do que diz a Bíblia. Isto será feito nas partes que seguem.

Sem dúvida, o argumento principal que se usa como base para esta conexão é aquilo que Jesus disse sobre os “pactos” na noite em que ele instituiu a comemoração de sua morte. O entendimento da organização sobre isso será discutido nas próximas duas partes.

A PRIMEIRA CELEBRAÇÃO E O “PACTO PARA UM REINO”

QUANDO AS publicações da Torre de Vigia defendem o ensino de que somente alguns devem participar do pão e do vinho, muitas vezes dirigem a atenção dos leitores para os acontecimentos da última páscoa que Jesus celebrou na terra, momento em que instituiu a comemoração de sua morte. Examinemos o que dizem duas destas publicações:

Raciocínios à Base das Escrituras, página 88:

Quem deve participar do pão e do vinho?

Quem participou quando Jesus instituiu a Refeição Noturna do Senhor pouco antes de morrer? Onze seguidores fiéis aos quais Jesus disse: “Eu faço convosco um pacto, assim como meu Pai fez comigo um pacto, para um reino.” (Luc. 22:29) Todos eles eram pessoas que estavam sendo convidadas a participar com Cristo no seu Reino celestial. (João 14:2, 3) Todos os que participam hoje do pão e do vinho devem também ser pessoas a quem Cristo introduz nesse ‘pacto para um reino’.

A Sentinela de 15 de fevereiro de 1990, página 19:

¹⁶ Na noite em que Jesus instituiu a Refeição Noturna do Senhor, ele disse a seus apóstolos leais que ele lhes estava preparando um lugar no céu. (João 14:2, 3) Lembre-se, porém, que Jesus disse também que aqueles que tomassem do pão e do copo estariam em Seu Reino e se sentariam em tronos para julgar. Seriam estes apenas os apóstolos? Não, pois mais tarde o apóstolo João ficou sabendo que outros cristãos também venceriam e ‘se sentariam com Jesus em Seu trono’, e que juntos se tornariam ‘um reino e sacerdotes para governar sobre a terra’. (Revelação 3:21; 5:10) João foi informado também do número final de cristãos que são “comprados da terra” — 144.000. (Revelação 14:1-3) Visto ser este um grupo relativamente pequeno, um “pequeno rebanho” em comparação com todos os que adoraram a Deus ao longo das eras, é necessário discernimento especial na época da Comemoração. — Lucas 12:32.

Infelizmente milhões de pessoas aceitam estas declarações grifadas sem conferir o relato. Uma vez que, como base para estes ensinamentos, estas

publicações chamam atenção para os eventos da primeira comemoração, vale a pena revermos o que ocorreu naquela ocasião.

Antes, devemos frisar o seguinte: Nenhum cristão, crente na Bíblia, duvida que Jesus tenha feito o “pacto para um reino” com seus apóstolos fiéis. Lucas 22:29 afirma isso diretamente. Nem é questionável a idéia de que outros seriam incluídos neste mesmo “pacto”. Isso a Bíblia também deixa claro.

Mas será que Jesus relacionou o pão e o vinho da comemoração com esse “pacto para um reino”, como afirmam as duas publicações acima? Disse ele realmente que todos os que participassem do pão e do vinho estariam automaticamente incluídos nesse pacto e iriam para o céu?

EXAMINANDO ATENTAMENTE O RELATO

Embora haja quatro versões independentes do que ocorreu na noite da última páscoa, os evangelistas Mateus, Marcos e João dão mais ênfase ao que ocorreu após a instituição da nova celebração. Lucas é o único que especifica detalhadamente *o que Jesus disse em ambas as celebrações*. A consideração das palavras dele é vital para nosso entendimento. O relato encontra-se em Lucas 22:14-30. Recomendamos fortemente a leitura *na íntegra* destes versículos. Eles podem ser divididos assim:

- Versículos 14 a 18: Jesus comemora a Páscoa com os apóstolos;
- Versículos 19 e 20: Jesus institui a comemoração de sua morte;
- Versículos 21 a 27: Os apóstolos discutem e Jesus os repreende;
- Versículos 28 a 30: Jesus faz com eles o “pacto para um reino”.

Apenas a leitura desse relato já desautoriza o que a Sentinela disse acima. Jesus distribuiu o pão e o vinho aos seus apóstolos e *mais tarde naquela noite*, fez com eles o “pacto para um reino”. Mas ele *não fez ligação* deste “pacto para um reino” com a participação no pão e no vinho, *e nem disse* que os que participassem nesses alimentos estariam em seu reino celestial. As palavras dele, conforme constam em Lucas 22:20, foram:

“Do mesmo modo também o copo, depois de terem [tomado] a refeição noturna, dizendo: “Este copo significa o novo pacto em virtude do meu sangue, que há de ser derramado em vosso benefício.”

Ele falou sobre um ‘*novo pacto* em virtude do seu sangue’. No relato correspondente de Mateus 26:28 encontramos a expressão “sangue do pacto”. Naquele momento Jesus não disse qualquer palavra sobre “reino”. Só se ele

tivesse usado a expressão “*sangue do pacto para um reino*” é que a idéia apresentada na Sentinela estaria além de questionamento. O máximo que se pode tirar do relato é que Jesus relacionou o pão e o vinho com este “novo pacto” e foi só *num momento posterior* (após as duas discussões entre os apóstolos) que ele fez o “pacto para um reino” com os que estavam presentes.

Apesar disso, a organização Torre de Vigia insiste que há uma conexão entre os alimentos e esse “pacto para um reino”, uma vez que, ao fazer o pacto, Jesus acrescentou as seguintes palavras que aparecem em Lucas 22:30:

“... a fim de que comais e bebais à minha mesa, no meu reino, e vos senteis em tronos para julgar as doze tribos de Israel.”

‘Assim’, dizem os líderes da Torre de Vigia, ‘como os apóstolos haviam acabado de comer e beber na refeição, Jesus quis dizer que todos os que comem o pão e bebem o vinho estarão também nessa “refeição” à mesa dele, e ‘sentados em tronos’ no céu’.

Embora para muitos esta idéia pareça bem convincente, ela é resultado de uma *leitura parcial* do relato. Quando tratam desse assunto, as publicações da Torre de Vigia só dão ênfase a estas palavras do versículo 30, mas não chamam a atenção dos leitores para o fato de que Jesus já tinha mencionado essa “refeição celestial” *antes de instituir a celebração de sua morte*. E ele a relacionou, não com esta celebração, e sim, *com a Páscoa judaica*.

Mais uma vez, o relato de Lucas capítulo 22, versículos 14 a 18 ajuda-nos a entender isso. Tratando da celebração *da Páscoa*, as palavras são:

Por fim, quando chegou a hora, recostou-se à mesa, e os apóstolos com ele. E ele lhes disse: “Desejei muito comer esta páscoa convosco antes de eu sofrer; pois, eu vos digo: Não a comerei de novo até que se cumpra no reino de Deus.” E, aceitando um copo, deu graças e disse: “Tomai isto e passai-o de um para outro entre vós; pois, eu vos digo: Doravante não beberei mais do produto da videira até que chegue o reino de Deus.”

Note-se que ele falou isso em conexão com *os alimentos da Páscoa*. Até aí, ele ainda não havia introduzido a nova celebração. O que disse ele?

- Que ‘a Páscoa se cumprirá no reino de Deus’;
- Que ele ‘só voltará a comê-la e beber vinho no reino de Deus’.

Acrescente-se a isso o seguinte detalhe relevante: Ao passo que o relato torna evidente que Jesus comeu dos alimentos da Páscoa, torna claro também que *ele não comeu o pão nem bebeu o vinho que usou para instituir a comemoração de sua morte*. Recordemos as palavras do versículo 22:

“*Doravante* não beberei mais do produto da videira até que chegue o reino de Deus”. Já que ele disse isso no momento da Páscoa, é claro que não tomou o vinho que usou para instituir a nova celebração. Apenas distribuiu os alimentos aos apóstolos, mandando que comessem e bebessem.

Se, de acordo com o ensino da Torre de Vigia, a participação no pão e no vinho significa que a pessoa estará naquela refeição simbólica no reino celestial, não deveria Jesus ter sido o primeiro a participar deles? Como poderia Jesus convidar outros para ‘comer e beber à sua mesa no seu reino’, e ele mesmo não participar da refeição? Ele não havia acabado de dizer que ‘comeria e beberia quando chegasse o reino de Deus’?

Para serem coerentes, portanto, os líderes da Torre de Vigia deveriam aplicar sua regra – e com ainda mais força – *a todos os que participavam da Páscoa judaica*. Pois Jesus disse que a Páscoa é que ‘se cumprirá no reino de Deus’ e os alimentos e o vinho dela é que serão ‘servidos’ lá. Ele não disse isso da comemoração de sua morte e nem participou do pão e do vinho usados nesta.

Será que devemos entender que *os milhões de judeus da antiguidade*, que comiam os alimentos e bebiam o vinho da Páscoa, estarão também no reino celestial, ‘participando à mesa’ de Cristo? Para o esquema doutrinário da organização Torre de Vigia, essa simples idéia é inconcebível. Por isso eles só aplicam sua regra à participação nos alimentos da comemoração, mas não nos da Páscoa.

O motivo básico de o ensino da Torre de Vigia gerar estas questões, é que ele é especulativo, indo além do que o relato declara. Pois o fato simples é que, *nem no caso da Páscoa judaica, nem no caso da celebração cristã* a participação nos alimentos tem um significado além daquele que a Bíblia define. No decorrer daquelas celebrações, Jesus realmente falou em dois momentos sobre esse “banquete” no céu, mas ele *não disse* que todas as pessoas que participassem dos alimentos usados em ambas, estariam automaticamente convidadas. No primeiro momento, ele falou apenas *de si mesmo* como participante da “refeição” no céu. Depois, quando fez o “pacto para um reino” com seus apóstolos, declarou que *eles* também estariam lá, ‘comendo e bebendo à sua mesa’.

UMA CONSIDERAÇÃO PERTINENTE: A PRESENÇA DE JUDAS ISCARIOTES NA CELEBRAÇÃO

Há quem defenda que Judas *estava presente* no momento em que Jesus distribuiu o pão e o vinho, assim como há os que defendem o contrário, ou seja, que Judas *deixou o local antes disso*. Não é propósito desta série tentar determinar quem está certo nesta discussão e, aliás, nem há essa necessidade.

Mesmo assim, na discussão que segue será mostrado por que isto é pertinente ao assunto tratado aqui.

A razão principal por que não podemos ser taxativos, é que nenhum dos quatro relatos evangélicos especifica o *momento exato* em que Judas Iscariotes saiu. Mateus e Marcos colocam a discussão sobre a traição, bem como o diálogo de Jesus com Judas em algum momento *anterior* à celebração (Mat 26:21-29; Mar 14:18-21), ao passo que Lucas coloca isto num momento *posterior* (Luc 22:19-23). E estes três evangelistas não fazem menção alguma à saída dele. João é o único que faz isso (João 13:21-30), mas ele não diz se Judas saiu *antes* ou *depois* da distribuição do pão e do vinho, até porque, diferente dos outros evangelistas, ele nem narra tal distribuição em seu relato.

A liderança da Torre de Vigia defende que *Judas saiu antes*. Para tentar harmonizar esta idéia com o relato de Lucas, a publicação *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Volume 2, página 618, oferece a seguinte explicação:

Judas deixou *imediatamente* o grupo. Uma comparação entre Mateus 26:20-29 e João 13:21-30 indica que ele partiu antes de Jesus instituir a celebração da Refeição Noturna do Senhor. A apresentação deste incidente por Lucas evidentemente não segue uma estrita ordem cronológica, porque Judas definitivamente já havia partido quando Cristo elogiou o grupo por ter ficado com ele; isto não se ajustaria a Judas, nem teria ele sido incluído no ‘pacto para um reino’. — Lu 22:19-30.

Todavia, esta ‘evidência’ que se apresenta para provar que “Lucas não seguiu uma estrita ordem cronológica” não tem força alguma. Pois, em primeiro lugar, eles estão dizendo isso do evangelista que dá mais provas de ter “pesquisado todas as coisas com exatidão” e ter apresentado os fatos relacionados com Cristo “em ordem lógica” (Luc 1:3). É bem mais provável que o metódico e detalhista *Lucas*, e não Mateus, tenha seguido uma estrita ordem cronológica em sua narrativa.

Além disso, a publicação acima reflete a confusão dos assuntos que os líderes da Torre de Vigia fazem. Como já enfatizamos, a distribuição do pão e do vinho, bem como a menção ao “novo pacto”, ocorreram num determinado momento. O ‘elogio’ de Cristo ao grupo, bem como o estabelecimento do “pacto para um reino” ocorreram *num momento posterior*.

Podemos concordar plenamente que Judas Iscariotes *não estava mais presente* quando Jesus elogiou os apóstolos e fez com eles o “pacto para um reino”. É altamente improvável que Jesus celebrasse um pacto deste tipo com um homem que ele sabia “desde o princípio” que o trairia (João 6:64). Mas isto não impede que Judas tenha estado *presente* quando Jesus passou o pão e

o vinho e tenha saído *no intervalo de tempo* entre essa distribuição e o momento em que Jesus fez o “pacto para um reino”. Se foi assim que ocorreu, então o relato de Lucas é que está realmente seguindo uma ordem cronológica exata. Ademais, isto é um argumento adicional em favor da idéia de que a participação no pão e no vinho nada tinha que ver com o “pacto para um reino”, pois Judas Iscariotes *participou dos alimentos*, mas *não foi incluído neste pacto*.

POR QUE O “PACTO PARA UM REINO” FOI CELEBRADO?

É esse próprio ‘elogio’ que Jesus fez aos apóstolos que esclarece o motivo básico disso. As palavras (registradas em Lucas 22:28,29) são:

“No entanto, vós sois os que ficastes comigo nas minhas provações; e eu faço convosco um pacto, assim como meu Pai fez comigo um pacto, para um reino,”

Portanto, a razão que Jesus apresentou para a concessão desse privilégio a eles foi, não o fato de terem participado do pão e do vinho (pois isso nem entrou na discussão), e sim por aqueles homens ‘terem ficado com ele em suas provações’ (durante os três anos e meio de seu ministério terrestre).

Em contraste com isso, o trecho de Lucas 22: 19, 20 torna claro que o significado do pão e do vinho da celebração cristã relaciona-se unicamente *ao corpo e ao sangue de Cristo*, dados em sacrifício, para possibilitar o “perdão de pecados”. Jesus, como cumpridor da lei, comemorou a Páscoa e *participou* dos alimentos dela, mas *não participou* do pão e do vinho da celebração que instituiu. Já que ele não tinha pecados que precisassem ser perdoados, não haveria o menor sentido em ele simbolicamente comer o seu próprio corpo e beber seu próprio sangue.

Quem estabelece esta conexão forçada entre a participação na celebração e a herança do reino celestial são os líderes da Torre de Vigia. Isto é resultante de *desconsiderarem o contexto do relato*, extraindo um significado que não está lá. Como mostrado na *Sentinela* de 15 de fevereiro de 1990 (citada acima), eles chegam ao ponto de colocar indevidamente palavras na boca de Cristo, afirmando que ele “disse” algo nesse sentido, quando na verdade o próprio Jesus não fez qualquer ligação de uma coisa com a outra.

Como vimos, além desse “pacto para um reino”, Jesus fez referência a um “novo pacto”, e este *sim foi relacionado com a celebração*. Mas o que é este “novo pacto”? A quem se aplica? É fundamental examinarmos isso, pois a liderança da Torre de Vigia apresenta um ensino sobre este pacto, que afeta profundamente o entendimento das Testemunhas de Jeová sobre a participação nos alimentos da celebração.

O “NOVO PACTO” E SEUS PARTICIPANTES

ATÉ AQUI estabelecemos biblicamente o seguinte: Quando instituiu a comemoração de sua morte, Jesus não relacionou o pão e o vinho com o “pacto para um reino” e sim *com o “novo pacto”*.

O que é um “pacto”? Basicamente é um *acordo* feito entre duas ou mais partes. Estas “partes” podem ser indivíduos ou grupos de pessoas e o acordo pode ser verbal ou escrito. Vários são os sinônimos de “pacto”. Além da palavra “acordo”, costumam ser usadas as palavras “contrato” e “tratado”. Em várias traduções da Bíblia aparecem também as palavras “aliança” e “concerto”.

Independentemente da palavra que se use, o importante é que, quando um acordo é feito, ambas as partes impõem a si mesmas uma ou mais *obrigações* e ambas desfrutam de um ou mais *benefícios* decorrentes do acordo. É sempre assim, não importa qual seja a natureza do acordo. E não é diferente no caso dos “pactos” mencionados na Bíblia.

A bem da consistência, de todas as palavras com este mesmo significado, usaremos nesta série a palavra “pacto”, uma vez que é a usada na *Tradução do Novo Mundo*, a versão oficial da organização Torre de Vigia. Assim, em lugar das expressões “novo concerto” ou “nova aliança”, que aparecem em outras versões bíblicas, usaremos sempre a expressão equivalente, “novo pacto”.

O que ensina a organização Torre de Vigia sobre este “novo pacto”? Entre as muitas referências existentes nas publicações, temos esta:

A Sentinela de 1º de fevereiro de 1998, página 19, parágrafo 3:

³ Para os 144.000, a bênção do pacto abraâmico é administrada por meio do novo pacto. Sendo participantes deste pacto, eles estão “debaixo de benignidade imerecida” e “debaixo de lei para com Cristo”. (Romanos 6:15; 1 Coríntios 9:21) Portanto, apenas os 144.000 membros do Israel de Deus têm corretamente participado dos emblemas durante a Comemoração da morte de Jesus, e foi somente com eles que Jesus fez o seu pacto para um Reino. (Lucas 22:19, 20, 29) Os membros da grande multidão não participam neste novo pacto. No entanto, estão associados com os do Israel de Deus e vivem com eles na “terra” deles. (Isaías 66:8) Por isso é razoável dizer que eles também estão debaixo da benignidade imerecida de Jeová e debaixo da lei para com Cristo. Embora não participem no novo pacto, são beneficiados por ele.

Portanto, de acordo com essa Sentinela, não é somente o “pacto para um reino” que se aplica apenas aos 144.000. Este é o caso do “novo pacto” também. Apenas os 144.000 são “participantes” dele. Todos os demais estão fora, sendo apenas “beneficiados”. E como Jesus fez uma conexão direta entre este “novo pacto” e o vinho da comemoração, isso ajuda a Torre de Vigia a manter o ensino de que apenas os 144.000 podem participar dos alimentos simbólicos usados nela.

Para começar, temos um problema de definição aqui. Conforme mostramos acima, todo e qualquer pacto exige *necessariamente* que ambas as partes assumam obrigações mútuas e colham benefícios decorrentes. Caso estas condições não sejam satisfeitas, o pacto simplesmente não existe. Se a Sentinela está dizendo que o “novo pacto” é feito apenas entre Deus e os 144.000, isso significa que apenas estes têm obrigações para com Deus, e seriam apenas eles os beneficiados. Uma vez que a “grande multidão” está fora do pacto, nenhuma pessoa desse grupo teria qualquer obrigação para com Deus e nem usufruiria de qualquer benefício. É contraditório, pois, o parágrafo dizer que a “grande multidão” está ‘sob a lei do Cristo’, ‘debaixo da benignidade imerecida de Jeová’, e na condição de ‘beneficiada’ pelo pacto. Tudo isso só seria verdade se a “grande multidão” fosse também *participante* do pacto.

Pelo que se nota, a organização Torre de Vigia parece ter elaborado um conceito diferente de “pacto”. Milhões de leitores que aceitam essa informação da Sentinela deixam de perceber que a essência da definição do termo está sendo desconsiderada. É impossível citar um único exemplo (bíblico ou não), em que uma pessoa (ou seus herdeiros e sucessores) tenha sido *beneficiada* por um pacto, sem ser *participante* dele.

Mas este aspecto semântico é só uma pequena parte do problema. Muito mais importante do que isso é a seguinte questão: Existe *fundamento bíblico* para a idéia de que só os 144.000 são participantes do “novo pacto”?

A própria Bíblia esclarece por que Jesus se referiu a esse pacto deste modo. Se ele falou em “novo pacto”, é porque existiu um pacto anterior. Esse anterior foi o pacto estabelecido entre Deus e os judeus da antiguidade. Uma análise da situação dos que estavam naquele pacto é muito esclarecedora.

O PACTO FEITO ENTRE DEUS E A NAÇÃO DE ISRAEL

Assim como o “novo pacto”, o anterior teve um mediador (Gálatas 3:19; Hebreus 8:6), e foi validado com sangue (Êxodo 24:8; Lucas 22:20). E quanto ao *número de pessoas* que faziam parte daquele pacto anterior? Moisés esclarece isso em Deuteronômio 5:1-3:

E Moisés passou a chamar todo o Israel e a dizer-lhes: “Ouve, ó Israel, os regulamentos e as decisões judiciais que hoje falo aos vossos ouvidos, e tendes de aprendê-los e cuidar em cumpri-los. Jeová, nosso Deus, concluiu conosco um pacto em Horebe. Não foi com os nossos antepassados que Jeová concluiu este pacto, mas conosco, todos os que hoje aqui estamos vivos.”

De imediato, fica claro o seguinte: O pacto estava sendo celebrado entre Deus e *todos os judeus*. Todos os milhões de judeus ‘que estavam ali, vivos’ eram *participantes*. Mas quais seriam as vantagens deste pacto para eles? Êxodo 19:5, 6, responde:

E agora, se obedecerdes estritamente à minha voz e deveras guardardes meu pacto, então vos haveis de tornar minha propriedade especial dentre todos os [outros] povos, pois minha é toda a terra. E vós mesmos vos tornareis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.’ Estas são as palavras que deves dizer aos filhos de Israel.”

Embora seja claro que estas palavras teriam aplicação em todas aquelas pessoas, a organização Torre de Vigia faz uma leitura bem diferente. Vejamos como se expressa A Sentinela de 1º de fevereiro de 1989, página 13:

¹⁸ Ao fazer o pacto temporário, Deus também mencionou o seguinte objetivo emocionante: “Se obedecerdes estritamente à minha voz e deveras guardardes meu pacto, então vos haveis de tornar minha propriedade especial. . . E vós mesmos vos tornareis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.” (Êxodo 19:5, 6) Que perspectiva! Uma nação de reis-sacerdotes. Mas, como seria isso possível? Como a Lei mais tarde especificou, a tribo governante (Judá) e a tribo sacerdotal (Levi) receberam responsabilidades diferentes. (Gênesis 49:10; Êxodo 28:43; Números 3:5-13) Nenhum homem poderia ser tanto governante civil como sacerdote. Ainda assim, as palavras de Deus em Êxodo 19:5, 6 forneciam motivo para se crer que de alguma maneira não revelada, os que estavam no pacto da Lei teriam a oportunidade de prover os membros de “um reino de sacerdotes e uma nação santa”.

Observe, “de alguma maneira não revelada”. Com certeza não houve qualquer “revelação” que dê apoio a esta hipótese! O que este parágrafo da Sentinela declara, está em contradição direta com tudo o que os textos dizem.

Em primeiro lugar, Moisés não falou em “uma nação de reis-sacerdotes”. As palavras que ele usou foram “reino de sacerdotes e uma nação santa”. O que ele destacou foi o aspecto da *pureza espiritual*, e não propriamente a

questão do *poder régio*. Os exemplos seguintes podem nos ajudar a entender o significado dessas palavras:

Quando dizemos que “a Grécia foi um império de filósofos”, ou então “a Fenícia foi um reino de grandes navegadores”, o que estamos fazendo é destacar características desses povos. As palavras “reino” e “império” não são usadas aqui para destacar o *sistema de governo* que estas nações tinham e nem sugere que todos os cidadãos destas nações eram “reis” ou “imperadores”. Assim foi com esta expressão de Moisés. Ele não disse que todos aqueles judeus se tornariam “reis” ou “governantes civis”, caso obedecessem. Mas assegurou que Deus os consideraria como um “reino de sacerdotes” e uma “nação santa”.

Até mesmo a questão de saber quantos sacerdotes existiriam entre eles é irrelevante. Os mesmos exemplos acima elucidam isso. Dizer que a Grécia foi um “império de filósofos”, não significa que todos os gregos eram filósofos. O mesmo vale para os fenícios. Nem todos eles foram “grandes navegadores”. Mas tais nações se *destacaram* nestas características. Da mesma maneira, se os judeus fossem fiéis ao pacto, eles se destacariam como um “reino de sacerdotes” e uma “nação santa” diante de Deus.

Outra coisa que a Sentinela afirma é que quando Deus disse isso, Ele tinha a idéia de tirar dentre aqueles judeus que estavam no pacto, os “membros” de um “reino de sacerdotes e uma nação santa”. Segundo o entendimento da organização, esse número de “membros” é literal, ou seja, 144.000 e são os mesmos que se diz que irão para o céu governar ao lado de Cristo. A Sentinela de 1º de setembro de 2000, confirma que é este mesmo o entendimento da organização sobre estas palavras de Moisés. Diz a revista, na página 21:

¹³ Os do Israel natural poderiam ter fornecido o pleno número dos que participariam com o Messias no seu Reino celestial como um reino de sacerdotes e uma nação santa. Mas eles não deram valor à sua preciosa herança. Apenas um restante de israelitas naturais aceitou o Messias quando este chegou. Em resultado disso, apenas um pequeno número deles foi incluído no predito reino de sacerdotes. O Reino foi tirado do Israel natural e ‘dado a uma nação que produz os seus frutos’. (Mateus 21:43)

É válido esse raciocínio? De forma alguma, e por diversos motivos.

Essa Sentinela condiciona o ‘fornecimento desse pleno número do reino de sacerdotes’ (144.000, segundo ensina a organização) com a ‘aceitação do Messias quando este chegou’. Mas não foi isso que Moisés disse. As palavras de Deuteronômio 5:1-3 são claras: “Ouve, ó Israel, os regulamentos e as decisões judiciais que hoje falo aos vossos ouvidos, e tendes de aprendê-los e cuidar em cumpri-los.” Moisés disse que a condição para aqueles judeus se

tornarem um “reino de sacerdotes e uma nação santa” era a ‘obediência estrita’ *àquele pacto que estava sendo celebrado* e não a ‘aceitação do Messias’. O Messias só veio 1.500 anos depois.

Além do mais, quando a Sentinela fala em “predito reino de sacerdotes”, dá-se a entender que Moisés estava fazendo uma “predição” de algo *futuro*. Novamente não foi isso que ele disse. Ele falou em termos bem claros: “E vós mesmos vos tornareis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.” Isso significa simplesmente que, se aqueles judeus que estavam ouvindo as palavras dele se mantivessem fiéis ao pacto, tais palavras passariam a ter aplicação *neles mesmos*. Moisés *não* estava restringindo a aplicação dessas palavras a pessoas que viveriam no futuro. E nem estava sugerindo que tais palavras teriam aplicação a um *número limitado* de pessoas. Os *milhões* que estavam ali “vivos” naquele exato momento já seriam “um reino de sacerdotes e uma nação santa”. E enquanto elas (e seus descendentes) se mantivessem fiéis ao pacto, tais palavras continuariam valendo.

Além disso, a afirmação da Torre de Vigia, no sentido de que os judeus ‘não conseguiram completar’ nem sequer um número de 144.000 fiéis é altamente improvável. Por que dizemos isso?

Consideremos duas hipóteses:

Suponhamos que a Torre de Vigia estivesse certa quanto ao *número de componentes* desse “reino de sacerdotes” (segundo a organização entende esse termo), os quais, segundo eles, os judeus ‘poderiam ter fornecido’. Surgiria a seguinte pergunta: Será que durante esses 1.500 anos em que o pacto vigorou, e em meio a tantos milhões de judeus que viveram e morreram no decorrer desse tempo, o número de fiéis foi *inferior a 144.000*?

Vamos ainda mais longe: Suponhamos que a Torre de Vigia estivesse certa *nas duas idéias*, a saber, (1) que ser parte do “reino de sacerdotes e nação santa” dependia da “aceitação do Messias” e (2) que pelo menos 144.000 pessoas deveriam aceitá-lo, para se completar o número de “membros” desse reino. Ainda assim surgiria uma pergunta semelhante à expressa no parágrafo acima. Qual?

A Sentinela diz que “apenas um restante de israelitas naturais aceitou o Messias quando este chegou. Em resultado disso, apenas um pequeno número deles foi incluído no predito reino de sacerdotes.” Ora, isto pode ser verdade no caso dos judeus *que estavam vivos* na época da chegada de Cristo. A maioria o rejeitou mesmo. Mas e os milhões e milhões de judeus que viveram e morreram *nas gerações anteriores à chegada dele*? Será que em meio a todas essas pessoas não teria havido nem 144.000 que aceitariam a Cristo?

O objetivo de toda essa consideração é mostrar que, com tais palavras “reino de sacerdotes e nação santa”, Moisés não poderia ter em mente um

número específico de pessoas, como as publicações da Torre de Vigia sugerem. Por qualquer ângulo que possamos analisar tais palavras, torna-se claro que o pacto anterior foi estabelecido entre Deus e um número *indeterminado* de pessoas. Milhões delas estavam vivas no exato momento em que o pacto foi celebrado. Não há como afirmar que esse pacto anterior tinha aplicação a um pequeno número de indivíduos.

A SITUAÇÃO SOB O NOVO PACTO

No início desta parte, citamos a Sentinela de 1º de fevereiro de 1998, página 19, parágrafo 3, onde se afirma que apenas os 144.000 são “participantes do novo pacto”. Um simples exame do que a Bíblia diz sobre este, porém, mostra-nos facilmente quão inválida é esta idéia.

Quando Paulo fez a sua consideração sobre o “novo pacto”, no livro de Hebreus, *não se fez qualquer referência a um número fixo*. As palavras dele, em Hebreus 8:7-12, foram:

Porque, se aquele primeiro pacto tivesse sido sem defeito, não se teria procurado lugar para um segundo; porque ele acha falta no povo quando diz: “‘Eis que vêm dias’, diz Jeová, ‘e eu concluirei um novo pacto com a casa de Israel e com a casa de Judá; não segundo o pacto que fiz com os seus antepassados no dia em que os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito, porque não continuaram no meu pacto, de modo que parei de me importar com eles’, diz Jeová.”

“‘Pois, este é o pacto que celebrarei com a casa de Israel depois daqueles dias’, diz Jeová. ‘Porei as minhas leis na sua mente e as escreverei nos seus corações. E eu me tornarei seu Deus e eles é que se tornarão meu povo.

“‘E de modo algum ensinará cada um ao seu concidadão e cada um ao seu irmão, dizendo: “Conhece a Jeová!” Porque todos me conhecerão, desde [o] menor até [o] maior deles. Porque serei misericordioso para com as suas ações injustas e de modo algum me lembrarei mais dos seus pecados.”

É apenas e tão-somente isso que ele diz. Nada nessa discussão dá a idéia de um número fixo de pessoas e não se diz uma única palavra sobre “vida celestial”. Se isso se aplicasse apenas a um grupo de 144.000, seríamos forçados a concluir que apenas eles têm a lei de Deus ‘escrita nos corações’, apenas eles fazem parte do ‘povo de Deus’, somente eles ‘conhecem o verdadeiro Deus’ e apenas os pecados deles é que são perdoados por Deus.

Esta última declaração de Paulo quanto a ‘Deus não levar em conta os pecados’, faz lembrar aquilo que Cristo disse, quando celebrou esse “novo pacto”. Vejamos as palavras dele, conforme o relato de Mateus 26:27, 28:

Tomou também um copo, e, tendo dado graças, deu-lho, dizendo: “Bebei dele, todos vós; pois isto significa meu ‘sangue do pacto’, que há de ser derramado em benefício de muitos, para o perdão de pecados”.

Novamente, associa-se aqui o pacto não com alguns, e sim, com “muitos”. Não se faz uma limitação disso a um grupo específico de indivíduos.

Consideramos aqui as principais referências que as Escrituras fazem aos dois pactos. Da mesma maneira que o pacto anterior se aplicava a *todos os judeus*, sem limitação de número, em todos os casos em que o “novo pacto” é considerado na Bíblia, tal expressão é perfeitamente aplicável a *todos os que têm fé em Cristo* e acreditam firmemente no valor de seu sangue redentor. Os textos citados aqui são suficientes para mostrar que a idéia de que tais pactos foram celebrados apenas com um número determinado de pessoas *não é um ensino bíblico*.

Deus promete aplicar a *todos* os que estão neste “novo pacto” o valor do sangue de Cristo, derramado em sacrifício, perdoadando-lhes os pecados e concedendo-lhes vida eterna. E, em contrapartida, *todos estes* se obrigam perante Deus a depositar fé nesse sacrifício e viver de acordo com esta fé. À luz de tudo o que consideramos acima, não há, e nem deve haver distinção entre os cristãos no momento em que a comemoração é realizada. Uma vez que todos estão numa relação pactuada com Deus, por intermédio de Cristo, todos devem tomar parte nela.

OS PARALELOS ENTRE A PÁSCOA JUDAICA E A COMEMORAÇÃO CRISTÃ

SEMPRE QUE as Testemunhas de Jeová realizam sua celebração, o orador que preside inclui explicações para validar os procedimentos que serão seguidos. Ele diz à assistência por que a celebração está sendo feita naquela noite específica, por que é feita em base anual e diversos outros detalhes relacionados com a Bíblia e com a doutrina da organização. Tudo isso consta no esboço, cujo conteúdo está disponibilizado no Apêndice 01 desta série.

Conforme foi declarado na Introdução, no que se refere aos procedimentos que cada igreja segue, não há por que polemizar. Já que a própria Bíblia não chega a esse nível de discussão de detalhes técnicos, a questão de se determinar o que é “correto” ou “errado” depende muito da interpretação da liderança de cada grupo religioso. Por isso, não questionamos os procedimentos *cerimoniais* da organização Torre de Vigia, nem os de qualquer outra religião.

O que se nota no caso dos líderes da Torre de Vigia, porém, é um padrão duplo de pensamento, mesmo neste assunto. Como assim?

Porque muito da argumentação que eles usam para definir os procedimentos que consideram como os únicos “corretos”, baseia-se unicamente nos paralelos existentes entre a Páscoa judaica e a Comemoração da morte de Cristo. Mas o interessante é que só existe essa preocupação de seguir de perto o exemplo do que ocorria na Páscoa quando isso não compromete a doutrina da organização. Se, ao contrário, o paralelo contradizer algo que a organização defende, ele é simplesmente desconsiderado ou até deturpado.

Consideremos as similaridades costumeiramente apontadas nas publicações da Torre de Vigia:

- A Páscoa judaica era celebrada *anualmente*, portanto, a única frequência que se admite para a comemoração é também *uma vez por ano*. Não se dá margem a qualquer outra frequência.
- Os judeus celebravam no dia *14 de nisã* do calendário deles. Hoje a organização faz esforço para determinar precisamente a data correspondente do nosso calendário. As publicações dão até explicações técnicas do procedimento que se segue para inferir a data

com precisão. Como a Páscoa judaica era celebrada nesse dia, não se admite a celebração em outra data. Até mesmo se um dos “ungidos” não puder comparecer na noite da comemoração, é nos procedimentos que se seguiam na Páscoa judaica que a Torre de Vigia vai buscar uma solução.

- O *pão não-fermentado* e o *vinho tinto puro* estavam entre os alimentos usados na Páscoa. Sempre que o assunto da Comemoração é considerado, a organização insiste que os alimentos a serem usados também tenham essas características. No caso do vinho, por exemplo, as publicações às vezes chegam até a especificar quais são as marcas que possam conter alguma mistura, sendo, portanto, inapropriadas para o uso na celebração.

Mas estas são apenas questões referentes aos procedimentos. Como será mostrado a seguir, existem diversos outros pontos de contato *muito mais importantes* que a própria Bíblia estabelece entre as duas celebrações e que são aceitos sem qualquer questionamento pela Torre de Vigia. O aspecto contraditório disso é que, ao mesmo tempo em que a organização publica muita matéria enfatizando esses paralelos, quando se coloca a questão da *participação geral nos alimentos simbólicos*, ocorre uma surpreendente reversão. Nesse ponto, a organização passa a fazer todo o esforço para provar que uma das celebrações *não é típica da outra!*

Analisemos, como exemplo, uma resposta que foi dada, num dos momentos em que essa questão surgiu. A matéria encontra-se na revista *A Sentinela* de 15 de fevereiro de 1985, páginas 17, 18:

A Páscoa e a Comemoração

⁶ Alguns sugeriram que o crescente número das “outras ovelhas” deviam tomar os emblemas. Raciocinam do seguinte modo: Visto que “a Lei tem uma sombra das boas coisas vindouras”, e visto que um dos requisitos da Lei era a guarda da Páscoa tanto pelos israelitas como pelos residentes forasteiros circuncisos, isto daria a entender que ambas as classes de pessoas semelhantes a ovelhas, no “um só rebanho” sob “um só pastor”, deviam tomar os emblemas da Comemoração. (Hebreus 10:1; João 10:16; Números 9:14) Isto suscita uma importante pergunta: Era a Páscoa tipo da Comemoração?

⁷ É verdade que *certos aspectos* da observância da Páscoa no Egito, sem dúvida, se cumpriram em Jesus. Paulo comparou Jesus ao cordeiro pascoal, dizendo: “Cristo, a nossa páscoa, já tem sido sacrificado.” (1 Coríntios 5:7) A aspersão do sangue do cordeiro pascoal sobre as ombreiras e as vergas das portas assegurava a libertação do primogênito em cada lar israelita. De

maneira similar, é por meio da aspersão do sangue de Cristo que a “congregação dos primogênitos que foram alistados nos céus” recebe sua libertação ou seu “livramento por meio de resgate”. (Hebreus 12:23, 24; Efésios 1:3, 7) Além disso, não se devia quebrar nenhum osso do cordeiro pascal, e isso também teve cumprimento em Cristo Jesus. (Êxodo 12:46; Salmo 34:20; João 19:36) Portanto, pode-se dizer que a Páscoa, em certos aspectos, era *uma* das muitas particularidades da Lei que fornecia “uma sombra das boas coisas vindouras”. Todas essas particularidades apontavam para Cristo Jesus, “o Cordeiro de Deus”. — João 1:29.

Embora reconheça os paralelos existentes, estes já são apresentados apenas como “certos aspectos”. A matéria da Sentinela até grifa esta expressão. E há um detalhe que é logo introduzido sutilmente, sem qualquer confirmação bíblica. É o seguinte:

Dá-se a entender que o sangue de Cristo foi ‘aspergido’ apenas em benefício dos “primogênitos alistados nos céus”. A Torre de Vigia entende que esses “primogênitos” referem-se apenas aos 144.000. Mesmo que isso fosse verdade, ainda não seria possível encontrarmos uma base bíblica para o que o parágrafo sugere. Os textos citados (Hebreus 12:23, 24 e Efésios 1:3, 7) não apóiam a idéia. A Bíblia ensina consistentemente que o sangue de Cristo foi ‘derramado’ em benefício *de muitos*, como resgate correspondente *por todos*, não só por alguns. Embora Hebreus 12: 23, 24 fale nesses “primogênitos alistados nos céus”, não diz em momento algum que o resgate beneficiaria apenas a eles.

Note-se que não há hesitação em apontar o paralelo entre as duas celebrações, principalmente porque esta particularidade referida no parágrafo anterior parece apoiar o ensino da organização. Como a palavra “primogênitos” aparece em ambos os casos e uma vez que a organização entende que os “primogênitos alistados nos céus” são apenas os 144.000, a comparação reflete a crença de que o “sangue do pacto” está vinculado primariamente com a herança celestial. Nesse ponto, o escritor da matéria parece esquecer as palavras de Mateus 26: 27, 28, já citadas, segundo as quais o ‘sangue do pacto’ haveria de ser derramado em benefício *de muitos*. Este texto não diz qualquer palavra sobre vida celestial e sim, simplesmente sobre “perdão de pecados”.

Após ter reconhecido que todas estas particularidades da Páscoa (*essenciais*, devemos salientar) apontavam para o sacrifício de Cristo, a Sentinela procura estabelecer certas diferenças. O parágrafo 8 prossegue dizendo:

⁸ Não obstante, a Páscoa *não era estritamente* tipo da Refeição Noturna do Senhor. Por que não? Quando se instituiu a Páscoa no Egito, consumia-se a

carne dum cordeiro assado, mas não se consumia nada do sangue do cordeiro pascoal. Em contraste, porém, quando Jesus instituiu a Comemoração de sua morte, ele mandou especificamente que os então presentes comessem sua carne e bebessem seu sangue, simbolizados pelo pão e pelo vinho. (Êxodo 12:7, 8; Mateus 26:27, 28) Neste aspecto muito importante — o sangue — a Páscoa não era tipo da Refeição Noturna do Senhor.

O que é ocorre aqui é um desvio sutil da questão, juntamente com omissão de fatos.

Desde o início, o que está em discussão, é se os que comparecem a ambas as celebrações devem participar dos alimentos ou não. Diante disso, quais são exatamente os símbolos usados, é qual é o uso específico que se faz deles são questões secundárias.

Na Bíblia, quando uma realidade tipifica outra, os paralelos devem obrigatoriamente existir, mas não se requer de modo algum que todos os detalhes sejam “estritamente” iguais. Se fosse assim, todos os paralelos que a Torre de Vigia aponta existirem na Bíblia deveriam seguir este padrão e não é isso que ocorre.

Se fizermos uma comparação, veremos que o sangue está presente nas duas celebrações, sim, e de maneira decisiva, fazendo a diferença entre a vida e a morte. No caso da Páscoa, o sangue do cordeiro deveria ser aspergido nas ombreiras das portas, o que significaria salvação para os primogênitos dos israelitas. Analogamente, na comemoração, o sangue de Cristo, também significa salvação de muitas vidas. O ‘aspecto’ do sangue estava tão presente na Páscoa que ela era realmente chamada de “sacrifício da Páscoa” (veja Êxodo 12:26, 27). Nenhum israelita bebia o sangue do cordeiro pascoal, porque isso era proibido (e a lei mosaica manteve a proibição). No caso da Comemoração cristã, bebe-se o vinho, mas ele é apenas uma *representação*. Ninguém bebe *literalmente* o próprio sangue do Cordeiro Jesus Cristo.

Se a questão se resumisse aos próprios símbolos e seu uso, a Sentinela não deveria omitir que, *mesmo o vinho*, pode não ter sido usado quando a Páscoa judaica foi instituída, mas *foi acrescentado à celebração posteriormente*, e a organização está a par deste fato (o esboço do discurso da Comemoração até menciona isso. Veja o Apêndice 1). Em algum momento, todos os judeus que compareciam à Páscoa começaram a usar copos de vinho como parte da celebração. Jesus não fez qualquer objeção, e ainda introduziu este vinho como símbolo de seu próprio sangue salvador.

Portanto, no “aspecto muito importante” do sangue, o paralelo entre as duas celebrações é muito claro. O fato de que os judeus da antiguidade não bebiam o sangue do cordeiro não invalida de modo algum esse paralelo e

nem constitui em si mesmo uma prova de que alguém deva deixar de participar na Comemoração hoje.

No parágrafo seguinte da Sentinela, a organização procura encontrar outro ponto de ataque. Vejamos:

⁹ Há algo mais que não deve ser despercebido. Jesus considerou com seus discípulos dois pactos relacionados, “o novo pacto” e ‘um pacto para um reino’. (Lucas 22:20, 28-30) Ambos os pactos tinham que ver com os participantes se tornarem compartilhadores com Cristo Jesus quais sacerdotes e reis. Mas em Israel, nenhum residente forasteiro circunciso jamais podia tornar-se sacerdote ou rei. Neste respeito, também, encontramos uma diferença entre a festividade da Páscoa, em Israel, e a Refeição Noturna do Senhor.

De novo a Sentinela se desvia da questão e omite fatos. Quem lê este parágrafo é induzido a pensar que existe uma diferença, onde, na realidade, não há diferença alguma! O que se faz é um jogo de palavras para levar milhões de pessoas a aceitar uma determinada doutrina.

Analisemos por partes. Primeiro afirma-se que:

“Ambos os pactos tinham que ver com os participantes se tornarem compartilhadores com Cristo Jesus quais sacerdotes e reis.”

Ora, este é o ensino da organização! Não há um só texto bíblico que apóie a idéia de que o “novo pacto” tinha alguma coisa que ver com isso! O parágrafo não dá prova alguma. Apenas afirma. Daí, com a mente dos leitores convenientemente focalizada nisso, acrescentam-se estas duas frases:

“Mas em Israel, nenhum residente forasteiro circunciso jamais podia tornar-se sacerdote ou rei. Neste respeito, também, encontramos uma diferença entre a festividade da Páscoa, em Israel, e a Refeição Noturna do Senhor.”

E o escritor da matéria deixa de mencionar o seguinte: Nem mesmo *a vasta maioria dos israelitas naturais* podia tornar-se sacerdote ou rei. Segundo a Bíblia, tais privilégios só estavam disponíveis para a tribo de Levi e para a tribo de Judá, respectivamente. E a designação estava restrita a apenas *uma família de cada tribo*. No caso dos levitas, somente *os descendentes de Arão* podiam tornar-se sacerdotes. Na tribo de Judá, só os da *descendência de Davi* tinham direito legal ao trono.

Como esta informação enfraqueceria o argumento, é omitida na Sentinela. E uma vez que, neste momento a mente dos leitores foi desviada para a questão de quem podia ou não “se tornar sacerdote ou rei”, todos já

esqueceram qual era o assunto em discussão. Isto os faz perder de vista estas duas verdades básicas que todo leitor da Bíblia conhece:

- Os sacerdotes, os reis, os israelitas de todas as tribos, bem como todos os residentes forasteiros *participavam da Páscoa*. Nunca esteve em dúvida se alguém deveria ou não participar.
- Essa participação nos alimentos servidos na Páscoa *não tinha absolutamente nada que ver* com a pessoa vir a se tornar sacerdote ou rei em Israel. O objetivo era comemorar a libertação do cativo no Egito.

Com base nessas “diferenças” apontadas nos parágrafos 8 e 9, o parágrafo 10, apresenta a “conclusão”:

¹⁰ Portanto, a que conclusão nos leva isso? O fato de que o residente forasteiro circunciso comia o pão não levedado, as ervas amargas e o cordeiro da Páscoa não determina hoje que os que são das “outras ovelhas” do Senhor e que estão presentes à Comemoração devam tomar o pão e o vinho.

Eis o que a matéria da Sentinela fez para chegar a essa conclusão:

- Desviou-se da questão principal o tempo todo, transferindo a discussão para detalhes secundários;
- Usou raciocínio circular, pois apresentou a doutrina da organização como se fosse uma verdade inquestionável e depois “acomodou” a informação bíblica a esta premissa;
- Omitiu informações relevantes para o esclarecimento do assunto.

Se o raciocínio partisse de bases concretas, atendo-se apenas à informação bíblica, e reconhecendo o amplo paralelismo existente, as conclusões seriam as seguintes:

- Nem a Páscoa judaica nem a Celebração cristã tem qualquer relação com sacerdócio ou realeza;
- Ambas as cerimônias foram instituídas para *comemorar a libertação dum jugo opressivo*. No primeiro caso, a libertação do cativo numa terra estrangeira. No segundo caso, a libertação do pecado e da morte;
- Em ambas as celebrações, *todos os presentes foram instruídos a participar dos alimentos simbólicos usados*. Nunca alguém foi proibido de fazer isso.

A motivação por trás desse esforço que a organização faz para enfraquecer o paralelismo entre a Páscoa e a Comemoração, é inquestionavelmente o desejo de defender a todo custo uma doutrina religiosa particular. Como vimos acima, informações simples, conhecidas por todos os leitores da Bíblia, são suficientes para mostrar a falta de validade da argumentação que se usa em apoio dessas supostas “diferenças”.

PARTICIPANDO DO PÃO E DO VINHO COM ‘DIGNIDADE’ E ‘DISCERNIMENTO’

NA PRIMEIRA CARTA de Paulo aos cristãos em Corinto, há algumas referências adicionais à celebração. Uma vez que a Torre de Vigia apresenta um entendimento particular desses textos, eles serão analisados nesta parte.

Em 1 Coríntios 11: 27, 28, lemos:

“Quem comer o pão ou beber o copo do Senhor indignamente, será culpado com respeito ao corpo e ao sangue do Senhor. Primeiro, aprove-se o homem depois de escrutínio, e deste modo coma do pão e beba do copo.”

Em geral, reconhece-se que esse ‘comer e beber indignamente’, refere-se à *má atitude do participante durante a celebração*. Assim, o livro da Torre de Vigia intitulado “Unidos na Adoração do Único Deus Verdadeiro”, capítulo 14, parágrafo 12 (páginas 114 e 115) diz:

“O apóstolo Paulo escreveu conselho sério a cristãos de Corinto, na Grécia, no primeiro século, visto que alguns deles deixaram de mostrar o devido apreço pela ocasião, dizendo: “Quem comer o pão e beber o copo do Senhor indignamente, será culpado com respeito ao corpo e ao sangue do Senhor.” O que os tornava ‘indignos’ como participantes? Eles não se preparavam devidamente no coração e na mente. Havia divisões na congregação. Alguns também entregavam-se em excesso ao comer e ao beber antes da reunião. Tratavam a Refeição Noturna do Senhor com indiferença. Não estavam em condições de discernir o significado sério do pão e do vinho. — 1 Cor. 11:17-34.

Se a liderança da Torre de Vigia se ativesse a estes pontos, não haveria o que discutir. Acontece que o ensino não fica só nisso. A Sentinela de 15 de março de 1991, página 21, acrescenta a seguinte idéia:

É Vital Fazer um Exame Cuidadoso

Um ponto muito significativo foi apresentado pelo apóstolo Paulo quando escreveu: “Quem comer o pão ou beber o copo do Senhor indignamente, será culpado com respeito ao corpo e ao sangue do Senhor. Primeiro, aprove-se o

homem depois de escrutínio, e deste modo coma do pão e beba do copo. Pois, quem come e bebe, come e bebe julgamento contra si mesmo, se não discernir o corpo.” (1 Coríntios 11:27-29) Portanto, o cristão batizado que em anos recentes começou a achar que recebeu a chamada celestial deve dar cuidadosa consideração a esse assunto, com oração.

A Sentinela de 1º de abril de 1996, página 8, completa dizendo:

Se alguém, “depois de escrutínio”, descobrir que realmente não devia ter tomado os emblemas, deve passar a refrear-se disso.

Estas publicações, e muitas outras, associam ‘participar indignamente’ com a pessoa *não ter recebido a “chamada celestial”*. Ensina-se que o “escrutínio” significa *um auto-exame que a pessoa deve fazer, para averiguar se de fato recebeu essa chamada ou não*. Se ela concluir que não, então não deve mais se servir dos alimentos da celebração. A ordem da Sentinela é clara: A pessoa “deve passar a refrear-se disso”.

O mais curioso é que, embora esse acréscimo muitas vezes seja feito de forma um tanto sutil e sem claro apoio bíblico, ele é que passa a ser a idéia dominante. É por isso que qualquer um que perguntar a uma Testemunha de Jeová o que significa “participação indigna” no pão e no vinho, invariavelmente ouvirá como resposta que ‘é a pessoa participar *sem ser do “restante ungido”*’.

O QUE ERA A ‘PARTICIPAÇÃO INDIGNA’ E O “ESCRUTÍNIO”, REFERIDOS POR PAULO?

De acordo com o ensino da Torre de Vigia a “escolha geral” dos 144.000, que vão para o céu, começou com os apóstolos de Cristo e prosseguiu ao longo dos séculos, terminando por volta do ano de 1935. Quer estes ensinamentos estejam certos, quer não, permanece o fato de que eles crêem que todos os primitivos cristãos esperavam ir para o céu.

Mas isso gera uma contradição: Se a esperança da pessoa era o que estava em questão, sendo o fator determinante para ela ‘participar dignamente’ dos emblemas, que necessidade tinha Paulo de escrever alguma coisa sobre ‘participação indigna’? Se todos lá tinham “esperança celestial” e uma vez que Paulo não questionou isso em momento algum, não havia entre eles qualquer diferença, ao ponto de alguns serem “dignos” de participar e outros serem “indignos” de fazê-lo. As palavras do apóstolo não teriam qualquer propósito.

Torna-se evidente então que não era a *esperança* daquelas pessoas que estava em discussão. Ademais, Paulo não estava questionando o *direito de*

participação delas. O que ele disse foi que alguns daqueles cristãos (cuja esperança era celestial) *ao participarem*, estavam fazendo isso ‘indignamente’. Ele estava se referindo *ao modo como a pessoa participava*. Em outras palavras, alguns naquela época estavam participando do pão e do vinho *de maneira indigna*. O trecho de 1 Coríntios 11:17-22 deixa isso bastante claro. Para introduzir este assunto da “participação indigna”, Paulo se expressou assim:

Na orientação que agora vou dar a vocês, eu não os elogio. Porque as suas reuniões na igreja fazem mais mal do que bem. Em primeiro lugar me contaram que há grupos de pessoas que estão brigando nas reuniões da igreja. Eu acredito que em parte isso é verdade. Não há dúvida de que é preciso haver divisões entre vocês para que apareçam os que estão certos. Quando vocês se reúnem, não é a ceia do Senhor que vocês comem. Porque quando vão comer, cada um se adianta para tomar a sua própria refeição. E assim, enquanto uns ficam com fome, outros chegam até a ficar bêbados. Será que vocês não têm as suas próprias casas onde podem comer e beber? Ou será que preferem desprezar a Igreja de Deus e envergonhar os que são pobres? O que é que esperam que eu diga a vocês? Querem que lhes dê parabéns? É claro que não vou fazer isso! (*A Bíblia na Linguagem de Hoje*)

Qual era então o objetivo do “escrutínio” que aqueles primitivos cristãos deveriam fazer? Era para averiguar se tinham a “esperança celestial”? É claro que não, pois, como vimos, ao iniciar sua repreensão, Paulo não disse uma palavra sobre isso. Se ele estava chamando atenção para *a atitude daqueles celebrantes*, só poderia ser isto o alvo do escrutínio. Cada um daqueles cristãos deveria *avaliar conscienciosamente sua própria atitude para com os alimentos da celebração* e, se fosse o caso, mudá-la para melhor, para poder *continuar participando desses alimentos*.

A idéia da Torre de Vigia sobre esse “escrutínio” ou auto-exame, põe a perder esse objetivo. O resultado para milhões de pessoas é exatamente *o oposto* do que deveria ser. Como a idéia da “esperança celestial” (limitada a um número literal de 144.000) é introduzida arbitrariamente e desnecessariamente neste assunto, isso confunde as Testemunhas e seus convidados. Com a mente dominada pela questão da “esperança celestial”, quando os que comparecem à Comemoração da Torre de Vigia fazem esse “escrutínio” de si mesmos, concluem que não são “dignos” de participar do pão e do vinho. Em resultado disso, na quase totalidade dos casos, o resultado do “escrutínio” é negativo! Mas não foi isso o que Paulo disse. As palavras dele foram:

“Primeiro, aprove-se o homem depois de escrutínio, e deste modo coma do pão e beba do copo.”

O auto-exame era (e continua sendo) necessário no caso de todos os cristãos, mas o resultado deveria ser sempre *positivo*. Em momento algum Paulo disse que aquelas pessoas que estavam ‘participando indignamente’ deveriam ‘*parar de participar*’ (como a liderança da Torre de Vigia ordena na Sentinela citada acima).

‘DISCERNINDO O QUE NÓS MESMOS SOMOS’

Em 1 Cor. 11: 29-31, lemos:

“Pois, quem come e bebe, come e bebe julgamento contra si mesmo, se não discernir o corpo. É por isso que muitos entre vós estão fracos e doentios, e não poucos estão dormindo [na morte]. Mas, se discerníssemos o que nós mesmos somos, não seríamos julgados.”

Sobre tais palavras, o número de A Sentinela de 15 de fevereiro de 1990, página 19, parágrafo 17, começa dizendo:

¹⁷ Paulo trouxe isso à atenção na sua carta aos coríntios, numa época em que alguns apóstolos ainda viviam e em que Deus chamava cristãos “para ser santos”. Paulo disse que se havia desenvolvido um mau costume entre aqueles ali que estavam sob a obrigação de tomar dos emblemas. Alguns tomavam refeições de antemão, em que comiam ou bebiam em excesso, deixando-os sonolentos, obtusos em seus sentidos. Em resultado, não podiam “discernir o corpo”, o corpo físico de Jesus representado pelo pão. Era isso tão sério assim? Sim! Por comerem indignamente, tornaram-se “culpado[s] com respeito ao corpo e ao sangue do Senhor”. Se estivessem mental e espiritualmente alertas, ‘poderiam discernir o que eram e não seriam julgados’. — 1 Coríntios 1:2; 11:20-22, 27-31.

Novamente: Se o ensino da Torre de Vigia se ativesse somente a estes pontos, não haveria o que questionar, pois, nada do que se diz acima foge do contexto bíblico. Infelizmente, mais uma vez, a Sentinela vai além. Os dois parágrafos seguintes acrescentam:

¹⁸ O que aqueles cristãos tinham de discernir e como? Primariamente, tinham de discernir no coração e na mente a sua chamada para estar entre os 144.000 herdeiros da vida celestial. Como discerniram eles isso, e devem muitos hoje crer que sejam parte desse pequeno grupo que Deus vem selecionando desde os dias dos apóstolos?

¹⁹ Realmente, apenas uma minoria bem pequena de cristãos verdadeiros hoje discerne isso acerca de si mesmos. ... A vasta maioria - sim, milhões de outros leais, cristãos abençoados que se reuniram - discerniram que sua esperança válida é viver para sempre na terra.

Há um detalhe curioso aqui: O escritor da Sentinela parece presumir que aqueles cristãos estavam pensando num número literal de 144.000 e entendiam os assuntos da mesma maneira que a organização entende hoje. Isso apesar de Paulo ter-lhes enviado esta carta *décadas antes* de João receber a Revelação, onde esses 144.000 são mencionados pela primeira vez!

Mas, mesmo que não tenha sido isso o que o escritor da Sentinela quis dizer, o fato é que as palavras do apóstolo sobre ‘discernir o que somos’, são interpretadas como significando o cristão *discernir qual é o seu destino, a sua esperança*. Ele pode ou ‘discernir que recebeu a chamada celestial’ ou ‘discernir que vai viver na terra’. O parágrafo 18 diz, inclusive, que foi “primariamente” este o sentido das palavras de Paulo.

FOI MESMO ISSO QUE PAULO QUIS DIZER COM “DISCERNIR O CORPO” E ‘DISCERNIR O QUE SOMOS’?

Se prestarmos detida atenção a tudo o que os três versículos dizem, temos condições de entender o significado dessas duas frases. Vejamos:

1 Cor 11:29: “Pois, quem come e bebe, come e bebe julgamento contra si mesmo, se não discernir o corpo.

O que traria “julgamento” contra a pessoa? Seria ela ‘comer o pão e beber o vinho’? Dificilmente, pois todos aqueles primitivos cristãos faziam isso. Paulo explica: o julgamento adverso só viria se o cristão fizesse isso ‘sem discernir o corpo’, ou seja, se encarasse aquele pão e vinho como simples alimentos, despercebendo que eles estavam representando o corpo e o sangue de Cristo no momento da celebração. A maneira como este mesmo texto é expresso na versão abaixo deixa isso claro:

Se alguém comer do pão ou beber do cálice, sem reconhecer que se trata do corpo do Senhor, come e bebe para o seu próprio castigo. (A Bíblia na Linguagem de Hoje)

Ou seja, aqueles cristãos não deveriam encarar a celebração como simplesmente uma oportunidade de saciar sua fome *em sentido físico*. Foi por isso que Paulo disse no versículo 34: “Se alguém tiver fome, coma em casa, para que não vos reunais para julgamento”. Note-se que Paulo mais uma vez

associa o “julgamento” com a possibilidade de alguém usar os alimentos da celebração para saciar a fome, despercebendo o verdadeiro significado deles. Ele não diz nada além disso. Isto é uma confirmação adicional de que o “julgamento contra si mesmo” (mencionado no versículo 29) nada tem que ver com a “esperança celestial”.

1 Cor 11:30: É por isso que muitos entre vós estão fracos e doentios, e não poucos estão dormindo [na morte].

Com certeza Paulo não estava falando em ‘fraqueza’, ‘doença’ e ‘morte’ literais. Não haveria o menor sentido em aquelas pessoas estarem “fracas e doentias” e muitas delas até “mortas”, simplesmente por terem ‘comido o pão e bebido o vinho’. A expressão “É por isso”, indica que esse versículo complementa o que diz o anterior: Aqueles cristãos estavam fisicamente vivos, mas estavam “fracos”, “doentios” e muitos outros estavam “mortos” *em sentido espiritual* porque ‘não discerniam o corpo’

1 Cor 11:31: Mas, se discerníssemos o que nós mesmos somos, não seríamos julgados.”

O que conduziria a pessoa ao julgamento? Seria por ela achar que era “ungido” sem ser realmente, como dá a entender a Torre de Vigia? Não, a frase do texto é clara: O julgamento adverso só viria se a pessoa ‘não discernisse o que ela mesma era’. Em outras palavras: O julgamento viria, não devido à pessoa “discernir errado” e sim devido à pessoa ‘deixar de discernir’.

O destino daqueles cristãos não era o que estava em discussão. Eles não tinham como “errar”, neste particular. Se todos tinham a “esperança celestial”, o “julgamento” referido por Paulo jamais poderia ser em razão de algum deles participar do pão e do vinho sem tê-la. No entanto, mesmo tendo tal esperança, alguns daqueles cristãos ainda poderiam estar deixando de discernir algo. O que?

Para entender isso, temos de pensar novamente nas palavras de Paulo ditas dois versículos antes. Em 1 Cor 11:29, ele havia falado que se a pessoa ‘não discernisse o corpo’, estaria sujeita ao julgamento. Esse ‘discernir o que somos’ referido por ele em 1 Cor 11:31 tem conexão direta com isso.

O que aqueles cristãos ‘eram’? Logo no capítulo seguinte desta mesma carta aos coríntios, Paulo discutiu o assunto do “corpo de Cristo”. Em certo momento da discussão, ele disse em 1 Cor 12:27:

“Ora, vós sois corpo de Cristo e membros individualmente.”

A organização Torre de Vigia, como sempre, afirma que esta expressão “corpo de Cristo” aplica-se apenas aos 144.000. A Sentinela de 1º de fevereiro de 1992, página 14, na parte final do parágrafo 4, diz:

É privilégio das Testemunhas de Jeová ter no seu meio os últimos dos membros do corpo de Cristo, batizados pelo espírito, que servem como “escravo fiel e discreto” para prover alimento espiritual no tempo apropriado.

Mas se lermos a discussão que Paulo fez no capítulo 12 dessa primeira carta aos coríntios, não encontramos uma única indicação de que essa expressão “corpo de Cristo” só pode ser aplicada a um grupo específico. Ele simplesmente alista diversos dons que Deus pode conceder a cada membro do “corpo” e defende o relacionamento harmonioso que deve existir entre todos os membros da congregação cristã, assim como o que existe entre os membros dum corpo humano. O ensino da Torre de Vigia faz parecer que Deus concede dons espirituais apenas a um grupo de 144.000 pessoas e que são apenas as pessoas desse grupo que devem ter relacionamento harmônico entre si. As palavras de Paulo não apóiam isso de modo algum. Tudo o que ele diz lá é aplicável a todos os verdadeiros cristãos. O leitor pode conferir examinando esse capítulo da carta dele, na íntegra.

Dessa forma, quando ele falou em “discernir o que somos”, era a isso que ele se referia. Em sentido espiritual, todos os verdadeiros cristãos são membros do “corpo de Cristo”. Deixar de discernir essa condição de membro e não agir como tal é que sujeita o cristão ao julgamento adverso de Deus. Se o cristão discerne que é membro do “corpo de Cristo” e está em harmonia com os demais membros, ele terá plena condição de participar na comemoração ‘discernindo o corpo’. É isto que significa participação no pão e no vinho com discernimento.

À base de tudo o que foi discutido acima, podemos ver quão impróprio é a organização Torre de Vigia fazer esses acréscimos às palavras de Paulo, modificando radicalmente o entendimento do que ele disse em 1 Coríntios 11:27-31. A simples análise da situação daqueles primitivos cristãos, não dá qualquer fundamento para a conclusão de que somente um grupo de 144.000 pessoas pode participar do pão e do vinho com ‘dignidade’ e ‘discernimento’.

‘COMER A CARNE E BEBER O SANGUE DE CRISTO’

NO EVANGELHO de João, capítulo 6, versículos 48 a 58, encontramos as seguintes palavras:

“Eu sou o pão da vida. Vossos antepassados comeram o maná no ermo, e, não obstante, morreram. Este é o pão que desce do céu, para que qualquer um possa comer dele e não morrer. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e, de fato, o pão que eu hei de dar é a minha carne a favor da vida do mundo.”

Portanto, os judeus começaram a contender entre si, dizendo: “Como pode este homem dar-nos sua carne para comer?” Concordemente, Jesus disse-lhes: “Digo-vos em toda a verdade: A menos que comais a carne do Filho do homem e bebais o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem se alimenta de minha carne e bebe meu sangue tem vida eterna, e eu o hei de ressuscitar no último dia; pois a minha carne é verdadeiro alimento, e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem se alimenta de minha carne e bebe meu sangue permanece em união comigo e eu em união com ele. Assim como o Pai vivente me enviou e eu vivo por causa do Pai, também aquele que se alimenta de mim, sim, esse viverá por causa de mim. Este é o pão que desceu do céu. Não é como quando os vossos antepassados comeram, e, não obstante, morreram. Quem se alimentar deste pão viverá para sempre.”

Há uma interessante história relacionada com este texto, que ilustra muito bem os malabarismos que a organização Torre de Vigia às vezes faz com o fim de sustentar suas doutrinas, como essa de que apenas os “ungidos” têm o direito de participar do pão e do vinho.

Anteriormente, as publicações da organização admitiam a idéia de que esse ‘comer a carne e beber o sangue de Cristo’ (do versículo 53) tem paralelo com comer o pão e beber o vinho na comemoração. Porém, uma vez que o ensino é que só os “ungidos” podem fazer isso, ensinava-se que o texto acima tinha aplicação apenas a eles, e não aos demais cristãos. Dava-se muita ênfase à expressão “vida em vós mesmos”, que aparece no versículo 53, como se isso significasse uma qualidade especial de vida que só os ungidos iriam possuir. Os líderes da Torre de Vigia simplesmente se recusavam a reconhecer que essa expressão não significa nada além de “vida eterna”, como o próprio Jesus torna claro logo no versículo seguinte (o 54), vida eterna esta que ele já havia dito estar disponível para “qualquer um” que

comesse o “pão do céu” (conforme o versículo 50), uma referência a ele mesmo.

Por mais que o contexto tornasse claro que tanto a expressão ‘comer a carne e beber o sangue de Cristo’ quanto a expressão “vida em vós mesmos” têm aplicação *a todos os cristãos*, a Torre de Vigia não aceitava isso. Havia pessoas que questionavam fortemente o ensino, mas os líderes da organização eram inflexíveis. Eles queriam que ambas as expressões se aplicassem somente aos “ungidos” e a ninguém mais.

Mas em 1986, eles finalmente mudaram de idéia. A Sentinela de 15 de fevereiro daquele ano oficializou isso no “estudo” e também na seção “Perguntas dos Leitores” (na página 30). Transcrevemos abaixo a pergunta e o início da resposta:

• Referia-se Jesus apenas aos cristãos ungidos quando disse, em João 6:53: “Digo-vos em toda a verdade: A menos que comais a carne do Filho do homem e bebais o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos”?

Por muitos anos temos explicado que estas palavras se limitavam aos cristãos ungidos que serão levados ao céu para governar com Jesus Cristo. Contudo, um estudo adicional deste assunto recomenda uma aplicação mais ampla de João 6:53.

É interessante que, no final dessa mesma “Pergunta dos Leitores”, a Sentinela diz que uma das coisas que motivou a mudança foi que “maior peso foi dado, também, ao contexto imediato de João 6:53.” Ora, o “contexto imediato” (conforme transcrevemos no início desta parte) sempre estivera na Bíblia, e mostrava claramente que a aplicação do texto apenas aos “ungidos”, não podia estar certa. No entanto, o ensino errado foi mantido durante “muitos anos”, até que apareceu esse “estudo adicional”.

Bem, o velho ensino estava abandonado. Agora a organização estava admitindo que “comer a carne e beber o sangue de Cristo”, bem como a expressão “vida em vós mesmos”, tem aplicação geral a todos os cristãos verdadeiros. Mas será que agora outros, além dos “ungidos” poderiam participar do pão e do vinho na comemoração?

Não, porque os líderes da Torre de Vigia fizeram o seguinte: “Desconectaram” essas palavras de Cristo do contexto da comemoração (dando ênfase ao fato de que houve uma diferença de um ano entre os dois eventos) e passaram a insistir numa única explicação para elas.

Uma ótima maneira de visualizar graficamente essa mudança é compararmos o que dizem as duas edições do livro “Raciocínios à Base das Escrituras”, nas páginas 88 e 89. Uma é anterior à mudança feita em 1986, e a outra é posterior (os trechos que interessam estão grifados em azul):

<p><i>Raciocínios à Base das Escrituras</i> (Edição de 1985)</p>	<p><i>Raciocínios à Base das Escrituras</i> (Edição de 1989)</p>
<p><i>Indica João 6:53, 54 que apenas os que participam realmente é que ganharão a vida eterna?</i></p> <p>João 6:53, 54: “Jesus disse-lhes: ‘Digo-vos em toda a verdade: A menos que comais a carne do Filho do homem e bebais o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem se alimenta de minha carne e bebe meu sangue tem vida eterna, e eu o hei de ressuscitar no último dia.’” (Este comer e beber seria obviamente em sentido simbólico, como na Refeição Noturna do Senhor; do contrário, aquele que assim fizesse estaria violando a lei de Deus que proíbe comer sangue. Veja Gênesis 9:4; Atos 15:28, 29.)</p> <p>Note que os que assim participam do pão e do vinho emblemáticos são os que hão de ganhar a recompensa da vida somente por meio de uma ressurreição. Isto se dá porque precisam renunciar à sua vida humana para alcançarem a recompensa da vida celestial com Cristo. Mas, em outra ocasião, Jesus mostrou que outros que depositarem fé nele ‘nunca jamais morrerão’. (João 11:25, 26) Revelação 7:9, 10, 14 descreve esses últimos como pessoas que se beneficiaram do sangue do Cordeiro e que são poupadas com vida na terra através da grande tribulação.</p> <p>Que significa ‘terem vida em si mesmos’, conforme João 6:53 o diz? Evidentemente significa muito mais do que simplesmente viver para sempre. A expressão no texto grego é similar àquela que se acha em João 5:26, onde se faz uma consideração sobre o poder de Jesus de ressuscitar os mortos. João 5:26, segundo vertido em <i>NTI</i>, reza: “Como o Pai é a fonte da vida, concedeu ao Filho o poder de dar a vida.” De modo que, aqueles a quem se concedeu ter ‘vida em si mesmos’, como Cristo, terão parte com ele em transmitir à humanidade os benefícios vitalizadores do sacrifício de resgate. – Rom. 6:23; 1 Cor. 15:45.</p>	<p><i>Indica João 6:53, 54 que apenas os que participam realmente é que ganharão a vida eterna?</i></p> <p>João 6:53, 54: “Jesus disse-lhes: ‘Digo-vos em toda a verdade: A menos que comais a carne do Filho do homem e bebais o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem se alimenta de minha carne e bebe meu sangue tem vida eterna, e eu o hei de ressuscitar no último dia.’” Este comer e beber teria obviamente de ser feito em sentido figurativo; do contrário, aquele que assim fizesse estaria violando a lei de Deus. (Gên. 9:4; Atos 15:28, 29) Mas, deve-se notar que a declaração de Jesus em João 6:53, 54 não foi feita com relação à inauguração da Refeição Noturna do Senhor. Ninguém que o ouviu tinha alguma idéia da comemoração com o pão e o vinho usados para representar a carne e o sangue de Cristo. Esse arranjo foi introduzido cerca de um ano depois, e o relato do apóstolo João sobre a Refeição Noturna do Senhor só começa mais de sete capítulos mais adiante (em João 14) no Evangelho que leva seu nome.</p> <p>Assim, pois, como pode alguém ‘comer a carne do Filho do homem e beber o seu sangue’ em sentido figurativo a não ser por participar do pão e do vinho por ocasião da Comemoração? Repare que Jesus disse que os que assim comessem e bebessem teriam “vida eterna”. Antes, no versículo 40, ao explicar o que as pessoas precisam fazer para ter vida eterna, o que disse ele ser a vontade de seu Pai? Que “todo aquele que observa o Filho e <i>exerce fé</i> nele tenha vida eterna”. Portanto, é razoável que o ‘comer sua carne e beber seu sangue’ em sentido figurativo seja por se exercer fé no poder redentor da carne e do sangue de Jesus, dados em sacrifício. Exige-se que todos os que ganharão a plenitude da vida, quer nos céus com Cristo, quer no Paraíso terrestre, exerçam tal fé.</p>

Comparando-se os dois textos, vemos que aquele significado da expressão “vida em vós mesmos”, que a Torre de Vigia dizia ser tão ‘evidente’ (na edição de 1985), foi abandonado e esquecido. A Refeição Noturna do Senhor não servia mais como exemplo de participação simbólica no corpo e no sangue de Cristo. Em vez disso, a expressão ‘comer a carne e beber o sangue’ foi explicada como significando unicamente “exercer fé no poder redentor da carne e do sangue de Jesus, dados em sacrifício”.

Qual é o argumento que a Torre de Vigia usa agora para provar que o pão e o vinho da comemoração não têm qualquer relação com aquelas palavras de Cristo sobre ‘comer sua carne e beber seu sangue’? A edição de 1989 do livro diz que é porque “ninguém que o ouviu tinha alguma idéia da comemoração com o pão e o vinho usados para representar a carne e o sangue de Cristo. Esse arranjo foi introduzido cerca de um ano depois...”. Essa mesma idéia foi apresentada na Sentinela de 15 de fevereiro de 1986 (tanto no “estudo” oficial que mudou o ensino, como na “Perguntas dos Leitores”).

A ênfase nisso só serve para despistar! É claro que nenhuma daquelas pessoas sabia da comemoração. Por ficarem chocadas com o que Jesus disse e não terem paciência para aguardar a explicação, foram embora. Só ficaram com ele seus apóstolos. Mas os líderes da Torre de Vigia parecem esquecer que *foi Jesus quem disse essas palavras sobre ‘comer sua carne e beber seu sangue’ e ele sabia muito bem o que ia fazer um ano depois*. As palavras que ele usou quando instituiu a comemoração repetem literalmente aquelas mesmas idéias expressas um ano antes. O fato de os ouvintes não saberem disso no momento em que Jesus falou, *não prova que uma coisa não tem relação com a outra*. O paralelo entre as palavras de Cristo registradas em João 6:53 e aquilo que ele disse por ocasião da comemoração é tão evidente que até a organização Torre de Vigia aceitava isso antes.

Há ainda outra “pista falsa”, lançada na Sentinela de 15 de fevereiro de 1986. Para justificar a idéia de que comer o pão e beber o vinho da comemoração não tem relação com as palavras de Jesus em João 6:53, a revista diz no parágrafo 17, da página 20:

“Tomar dos emblemas na Comemoração não concede vida eterna.”

É claro que não! Ninguém afirma que o *ato* de participar do pão e do vinho *em si mesmo* é que dá vida eterna. Todos concordam que a vida eterna é decorrente de se *exercer fé no sacrifício de Cristo*. As palavras da parte final do livro “Raciocínios” (edição de 1989), citadas acima, não acrescentam nenhuma novidade ao que todos os cristãos sempre souberam.

Observa-se, porém, que, embora Jesus já tivesse falado (em João 6:40) sobre a necessidade de se exercer fé nele, depois ele passou a usar especificamente os verbos “comer” e “beber”, em conexão com sua carne e seu sangue. Se já tinha ficado claro que as pessoas deveriam exercer fé nele, que necessidade havia de ele acrescentar que as pessoas teriam de ‘comer sua carne e beber seu sangue’ para terem vida eterna? Há realmente alguma razão válida para não vermos nisso um paralelo evidente com os alimentos simbólicos da comemoração? Será que essa nova explicação da Torre de Vigia impede que a participação no pão e no vinho da comemoração possa ser vista como uma *demonstração simbólica* que todo cristão faz de sua fé no sacrifício de Cristo?

Vimos que, antes de 1986, a própria organização admitia que tal simbolismo era válido. Por que seus líderes agora resistem a isso? Por que fazem todo esse esforço para dissociar um contexto do outro?

A resposta é óbvia: Porque querem manter a todo custo o ensino não-bíblico de que participar do pão e do vinho significa uma afirmação de “esperança celestial” e, portanto, só alguns podem participar, sendo proibidos todos os demais.

O ‘TESTEMUNHO DO ESPÍRITO’

UMA ANÁLISE DO CAPÍTULO 8 DE ROMANOS

EM PRIMEIRO LUGAR, convém esclarecer o seguinte: o assunto que será discutido nesta parte *não tem qualquer relação com a comemoração da morte de Cristo*. Tendo em vista o escopo da série de artigos, nem haveria necessidade de analisarmos o conteúdo desse capítulo da carta de Paulo aos romanos. O pão e o vinho não são mencionados nele, nem mesmo indiretamente.

Mas a organização Torre de Vigia estabelece uma conexão. Seus representantes usam certas declarações feitas por Paulo neste capítulo como argumentos favoráveis ao ensino da organização. E a grande maioria das Testemunhas de Jeová acaba aceitando esta explicação como uma das principais justificativas para a idéia de que somente o “restante ungido” pode participar do pão e do vinho.

Para introduzir a discussão, citemos um trecho da Sentinela de 1º de março de 1988. Há nesta revista uma autobiografia de um dos membros do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová. Num dos parágrafos da pág. 11, ele relata:

“Começamos o nosso serviço de pioneiro antes de termos sido batizados, pois naquele tempo não se entendia claramente se aqueles que tinham esperança terrestre deviam ser batizados ou não. No entanto, depois que fui batizado, no Lago Vandercook, Michigan, em 24 de julho de 1932, ficou evidente que a minha esperança mudara para a de um ungido, confirmado pelo ‘testemunho do espírito’. — Romanos 8:16.”

Não há aqui a menor intenção de contestar a crença desse membro do Corpo Governante. Se, num determinado momento de sua vida, ele passou a fixar o coração na vida celestial, isso é algo entre ele e Deus e não vemos motivo válido para alguém menosprezar isso.

O que chama a atenção nesse relato é que a razão apresentada por ele para essa mudança de esperança (de terrestre para celestial) foi ter recebido o ‘testemunho do espírito’, mencionado em Romanos 8:16.

Embora ele não tenha tratado disso no momento em que contou a história de sua vida, o fato é que a organização Torre de Vigia tem uma interpretação muito particular desse texto. E este homem, como membro do Corpo

Governante central da religião é, com certeza, um dos mentores da idéia. Qual é o ensino?

Observemos o que diz a Sentinela de 1º de abril de 1977, página 220:

Assim, são somente os que esperam compartilhar com Jesus de seu Reino celeste, e que também se acham no novo pacto, que devem participar da Refeição Noturna do Senhor, como também é chamada. — Luc. 12:32; Heb. 8:10-13; 1 Cor. 11:20.

Sobre estes que participam deles, lemos ainda mais: “O próprio espírito dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus. Então, se somos filhos, somos também herdeiros: deveras, herdeiros de Deus, mas co-herdeiros de Cristo, desde que soframos juntamente, para que também sejamos glorificados juntamente.” (Rom. 8:16, 17)

Tampouco este é um ensino antigo, que foi abandonado. Ele pode ser encontrado em publicações mais recentes. A Sentinela de 1º de abril de 1996, página 7, reafirma:

Alguns têm tomado os emblemas da Comemoração, embora mais tarde se dessem conta de que não deviam ter feito isso. Aqueles que legitimamente tomam os emblemas da Comemoração foram escolhidos por Deus e têm o testemunho do espírito de Deus neste sentido. (Romanos 8:15-17; 2 Coríntios 1:21, 22) Não é a decisão ou determinação pessoal deles que os torna dignos disso. Deus limitou o número dos que governarão com Cristo nos céus a 144.000, número relativamente pequeno em comparação com todos os beneficiados pelo resgate de Cristo. (Revelação [Apocalipse] 14:1, 3) A escolha começou nos dias de Jesus, de modo que hoje há apenas poucos participantes. E ao passo que a morte leva alguns, este número deve diminuir.

Mas, e quanto aos que não fazem parte dos 144.000? Não teriam eles também recebido esse ‘testemunho do espírito’ de Deus? Não, segundo a Torre de Vigia. Na edição de A Sentinela de 15 de outubro de 1999, páginas 13 e 14, o parágrafo 10 diz, entre outras coisas:

Será que então podemos imaginar que hoje seja diferente, quando a maioria dos verdadeiros cristãos não tem o testemunho do espírito de que eles sejam os “escolhidos de Deus, santos e amados”?

Não há margem para ambigüidade. O que as publicações dizem taxativamente é que *ninguém além dos 144.000 recebeu o ‘testemunho do espírito’*. Nem mesmo as demais Testemunhas de Jeová (que a organização entende serem os “verdadeiros cristãos”). Muito menos ainda os cristãos que estão fora da organização Torre de Vigia.

Todo ano, por volta da época da Comemoração das Testemunhas, os “ungidos” ficam em evidência, e surge muita conversa a respeito deles. Sempre que alguém pergunta como é que um “ungido” sabe que é ungido, normalmente as Testemunhas citam o texto de Romanos 8:15-17 como resposta. É só natural que façam isso, pois, como vimos, as publicações da organização afirmam repetidamente que o que se diz neste texto se aplica a eles, ungidos, e a ninguém mais.

O CONTEÚDO DE ROMANOS CAPÍTULO 8

É interessante fazer uma leitura atenta do *capítulo inteiro*. Sugerimos isso ao leitor. Por questão de espaço, não vamos transcrevê-lo na íntegra aqui, mas faremos uma consideração dos versículos mais pertinentes. O capítulo pode ser dividido assim:

- Nos versículos de 1 a 17, Paulo traça um contraste entre os que “andam de acordo com a carne” e os que “andam de acordo com o espírito”, declarando no final que os que andam de acordo com o espírito são “filhos de Deus”, “herdeiros” e serão “glorificados”.
- Nos versículos de 18 a 30, ele faz diversos comentários sobre a esperança dessa “glorificação” que está em reserva para os “filhos de Deus”.
- Finalmente, nos versículos de 31 a 39, ele assegura que esses que têm o espírito são apoiados pelo próprio Deus e por Cristo. E nada pode separar esses “filhos de Deus” do amor que os dois têm por eles.

Note-se que é dentro desse contexto que se encontram as palavras de Paulo ditas nos versículos de 15 a 17. É óbvio que para se chegar a um correto entendimento delas, os versículos circundantes devem ser levados em consideração. Mas isso a organização Torre de Vigia não faz. E por uma razão muito simples: Esse contexto *desautoriza completamente* a interpretação de que os “filhos de Deus” são apenas os 144.000.

Consideremos nove declarações que Paulo faz *antes* do versículo 16 (os versículos estão entre parêntesis):

(01) “... os em união com Cristo Jesus não têm nenhuma condenação.”

(02) “... a lei desse espírito que dá vida em união com Cristo Jesus libertou-te da lei do pecado e da morte.”

(05) “... os que estão de acordo com a carne fixam as suas mentes nas coisas da carne, mas os que estão de acordo com o espírito, nas coisas do espírito.”

(06) “... a mentalidade segundo a carne significa morte, mas a mentalidade segundo o espírito significa vida e paz”

(07) “... a mentalidade segundo a carne significa inimizade com Deus”

(08) “... os que estão em harmonia com a carne não podem agradar a Deus”

(09) “... se alguém não tiver o espírito de Cristo, este não pertence a ele.”

(13) “... se viverdes de acordo com a carne, certamente morrereis; mas, se pelo espírito entregardes à morte as práticas do corpo, vivereis.”

(14) “... todos os que são conduzidos pelo espírito de Deus, estes são filhos de Deus.”

Tanto os evangelhos, quanto as cartas apostólicas fazem diversas referências a esta expressão “filhos de Deus”. Para citar mais um exemplo, em 1 João 3:10, lemos:

Os filhos de Deus e os filhos do Diabo evidenciam-se pelo seguinte fato: Todo aquele que não está praticando a justiça não se origina de Deus, nem aquele que não ama seu irmão.

Este texto estabelece um nítido contraste entre quem é “filho de Deus” e quem é “filho do Diabo” e o apóstolo diz qual é a diferença. Os líderes da Torre de Vigia aceitam isso. Assim, em geral eles concordam que todo cristão verdadeiro é um “filho de Deus”.

Mas nem sempre. Para a *expressão idêntica* que aparece em Romanos capítulo 8, é aplicada outra definição. Referindo-se a esta, A Sentinela de 1º de junho de 1992, página 15, parágrafo 2, afirma:

Quem são esses “filhos de Deus”? São os irmãos de Jesus, ungidos com o espírito, que serão governantes com ele no Reino celestial. Os primeiros deles surgiram no primeiro século EC. Aceitaram a verdade libertadora ensinada por Jesus, e a partir de Pentecostes de 33 EC, participaram dos gloriosos privilégios mencionados por Pedro quando lhes escreveu: “Vós sois ‘raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo para propriedade especial’.” — 1 Pedro 2:9a; João 8:32.

As demais Testemunhas de Jeová, que, segundo a organização, fazem parte de um grupo chamado “grande multidão” ou “outras ovelhas” não gozam dessa condição. A Sentinela de 15 de março de 1987, páginas 14 e 15, explica:

Que dizer daqueles que Jesus chamou de suas “outras ovelhas”? (João 10:16) Usufruem tal paz com Deus? Não como filhos de Deus, mas Colossenses 1:19, 20, os inclui como os beneficiados pela paz divina.

O problema é que esta idéia expressa nas Sentinelas acima, deixa todos os cristãos que não têm esperança celestial numa condição extremamente precária. Ora, se essas pessoas não são “filhos de Deus” no pleno sentido da palavra, então não são conduzidas pelo espírito de Deus e sim pela carne. Segundo dizem os versículos do capítulo 8 de Romanos que transcrevemos acima (e na mesma ordem), se alguém for conduzido pela carne, essa pessoa:

1. Está separada de Cristo e sujeita à condenação;
2. Está sujeita à lei do pecado e da morte;
3. Tem a mente fixa nas coisas carnaís;
4. Está sujeita à morte;
5. É inimiga de Deus;
6. Não pode agradar a Deus;
7. Não pertence a Cristo;
8. Morrerá com certeza;

E mais ainda: Tendo em mente o que João disse, se essas pessoas não são “filhos de Deus”, então são “filhos do Diabo”!

Será que devemos pensar que isto se aplica a todos os demais que não fazem parte dos 144.000?

Essa idéia espantosa é consequência de os líderes da Torre de Vigia atribuírem sua definição particular à expressão “filho de Deus”, referida em Romanos 8:15-17, com o único propósito de acomodar a doutrina organizacional. Dizem que somente os 144.000 são “filhos de Deus”, para poderem dar base à idéia de que somente estes recebem o ‘testemunho do espírito’. Eles não aceitam a definição simples dada por Paulo no versículo 14: “todos os que são conduzidos pelo espírito de Deus, estes são filhos de Deus.” Se estas pessoas “são conduzidas pelo espírito de Deus”, é só lógico que todas elas recebam o “testemunho” desse mesmo “espírito”, confirmando essa condição (Compare isso com o que diz Hebreus 11:5). O que Paulo diz no versículo 16 nada mais é que uma decorrência direta da definição que ele mesmo dá no versículo 14. E mais ainda: Esta definição está de pleno acordo com aquela dada por João (citada acima) e com todas as demais referências que a Bíblia faz a esta expressão. Em parte alguma a Bíblia associa o conceito de “filho de Deus” com “esperança celestial”.

O que devemos aceitar: As palavras de Paulo, que estão de acordo com o contexto imediato e com o resto das Escrituras, ou a definição da organização Torre de Vigia, que provoca toda essa contradição?

Mas, e quanto ao que Paulo diz no versículo 17? As palavras são:

“Então, se somos filhos, somos também herdeiros: deveras, herdeiros de Deus, mas co-herdeiros de Cristo, desde que soframos juntamente, para que também sejamos glorificados juntamente.”

Qual é o significado disso? Devemos entender que todos os “filhos de Deus” referidos aí são necessariamente pessoas que receberão um corpo espiritual e irão para o céu compartilharem o reino com Cristo? Esta importante questão será discutida nos próximos dois subtópicos.

‘HERDEIROS DE DEUS E CO-HERDEIROS DE CRISTO’

Consideremos a seguinte ilustração: Quando um pai de família vem a falecer, geralmente ele deixa uma herança para seus filhos. Em casos assim, o que acontece é uma *partilha*, ou seja, os bens dele são *divididos* entre seus herdeiros. Um desses herdeiros tomará posse de um ou mais bens, que serão a partir daí, sua propriedade particular. Outros filhos que ele porventura teve, também tomarão posse de outros bens, *diferentes* dos daquele filho. Mas o fato de estes filhos herdarem *bens diferentes* não altera em nada o fato de que todos eles são herdeiros do pai e co-herdeiros entre si.

Esse mesmo princípio pode ser aplicado à relação que existe entre Deus e Seus filhos. Quando se referiu aos “filhos de Deus”, Paulo aplicou a eles os termos “herdeiros” e “co-herdeiros”. Mas isso não significa obrigatoriamente que todos devam herdar *a mesma coisa*. Deus, como Pai, é quem decide qual parte da herança cabe a cada um, assim como um pai humano determinaria num testamento, escrito em vida.

A Bíblia deixa muito claro que Deus estabeleceu que Seu Filho, Jesus Cristo, haveria de ser rei celestial. Ninguém duvida também que outros humanos estão destinados a compartilhar esse reino com Cristo. Se são apenas 144.000, como ensina a Torre de Vigia, ou não, é outra questão, que não estamos discutindo aqui. O fato é que há humanos destinados a isso e ninguém melhor do que Deus para determinar quem e quantos são estes.

Mas a questão principal é: O que constitui a “herança”? Apenas o céu? A Bíblia responde claramente a isso. Em 1 Coríntios 3:21-23, Paulo diz:

Por isso, ninguém se jacte dos homens; porque a vós pertencem todas as coisas, quer Paulo, quer Apolo, quer Cefas, quer o mundo, quer a vida, quer a

morte, quer as coisas agora aqui, quer as coisas por vir, a vós pertencem todas as coisas; por sua vez, vós pertenceis a Cristo; Cristo, por sua vez, pertence a Deus.

Em Hebreus 1:2, Paulo mesmo confirma:

“... no fim destes dias nos falou por intermédio dum Filho, a quem designou herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez os sistemas de coisas.”

Portanto, a herança de Deus inclui “todas as coisas”. Cristo foi designado herdeiro de tudo e os outros “filhos de Deus”, como co-herdeiros dele, compartilham de tudo, inclusive do “mundo”.

É certo que, em sua quase totalidade, as Escrituras Cristãs (ou Novo Testamento) fazem referências a uma herança celestial. Mas *a Terra* não deixa de ser incluída. A conhecida passagem de Mateus 5:5, diz:

“Felizes os de temperamento brando, porque herdarão a terra.”

Nada do que estamos dizendo aqui tem o objetivo de argumentar contra ou a favor da esperança de alguém, seja ela terrestre ou celestial. A idéia é simplesmente mostrar que a expressão “herdeiros” pode ser perfeitamente entendida em *sentido amplo*. Não há porque restringirmos estas palavras de Paulo em Romanos 8:17 a uma esperança celestial, até porque o próprio Paulo não particularizou dessa maneira. A questão do “onde” exatamente cada “filho de Deus” ficará é secundária. Mesmo que a vontade de Deus seja que determinados “filhos” vivam na terra, isso não torna tais pessoas menos ‘herdeiras de Deus e co-herdeiras de Cristo’ do que aqueles que forem designados a viver no céu.

‘SOFRERMOS JUNTAMENTE E SERMOS GLORIFICADOS JUNTAMENTE’

Em diversos casos em que o termo “glorificação” aparece na Bíblia, a referência é ao tipo *celestial*. Mas é igualmente verdade que a Bíblia usa esses termos em sentidos bem diferentes deste. Em Provérbios 13:18, aparecem as seguintes palavras:

“Quem negligencia a disciplina [terá] pobreza e desonra, mas aquele que guarda a repreensão é o que é glorificado.”

Este texto simplesmente contrasta a ‘glorificação’ das pessoas que acatam a disciplina com a ‘desonra’ daqueles que não o fazem.

Outros exemplos podem ser citados. Nos muitos textos em que aparece a expressão “glorificar a Deus” a referência é, sem dúvida a “*honrá-Lo*” ou “*reverenciá-Lo*”. Não poderia de modo algum significar Deus assumir um corpo superior ao que Ele já tem ou ir para um domínio superior àquele em que Ele já está.

Com respeito a Jesus, quando a Bíblia narra o episódio da ressurreição de Lázaro, lemos o seguinte em João 11:4:

Mas, quando Jesus o soube, disse: “Esta doença não tem a morte por seu objetivo, mas é para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja glorificado por intermédio dela.”

Aquela ressurreição não fez com que Jesus recebesse de imediato um corpo espiritual e fosse para o céu. Mas ele foi *honrado; reconhecido* pelo que fez. É esse o sentido básico que a palavra “glorificado” tem neste texto.

O termo “glória” é aplicado liberalmente na Bíblia tanto a seres humanos como a coisas inanimadas. Ela fala em “glória dos reis” (Provérbios 25:2), “glória do Líbano” (Isaías 35:2), “glória do homem” (1 Coríntios 11:7) ‘glória dos cabelos de uma mulher’ (1 Coríntios 11:15), ‘glória do sol, da lua e das estrelas’ (1 Coríntios 15:41), ‘glória do rosto de Moisés’ (2 Coríntios 3:7), etc. Isso mostra que essa palavra não tem um significado único.

Como dissemos, existem muitas ocorrências bíblicas ao termo “glória” com o sentido específico de *glória celestial*. Por exemplo, numa oração que fez a Deus, Jesus disse as seguintes palavras, registradas em João 17:5:

“... Pai, glorifica-me junto de ti com a glória que eu tive junto de ti antes de haver o mundo.”

Aqui só há margem para um entendimento. Certamente ele se referia ao tipo de glória que usufruía quando vivia no céu. Jesus estava numa elevada posição, como pessoa espiritual ‘junto de Deus’.

Acontece que na referência que Paulo faz à ‘glorificação’ dos “filhos de Deus” em Romanos 8:17 não se encontra uma particularização tão restrita assim. Ele simplesmente falou em os “herdeiros de Deus” ‘sofrerem juntamente e serem glorificados juntamente’. Se Paulo não restringiu o termo, esta ‘glorificação’ pode também ser entendida no *sentido amplo*, querendo dizer uma grande melhoria na condição de todos os “herdeiros de Deus”, mas não obrigatoriamente significando que todos têm de receber um corpo espiritual e ir para o céu.

Com que base pode alguém dizer que um corpo humano perfeito, semelhante ao que Adão e Eva tinham não é um corpo glorioso? Há total

validade na idéia de que a perfeição física é uma situação infinitamente melhor do que aquela em que nos encontramos atualmente. Que razão temos então para não encarar este aperfeiçoamento como um tipo possível de “glorificação”?

Outra idéia que dá base para este entendimento alternativo é a seguinte: Paulo falou em os herdeiros ‘sofrerem juntamente e serem glorificados juntamente’. É uma verdade bíblica que Cristo sofreu terríveis padecimentos às mãos de seus inimigos. Os sofrimentos pelos quais ele passou são bem conhecidos.

Mas, quando Paulo fala em ‘sofrermos juntamente’, será que devemos entender que todo cristão tem de passar pelo *mesmo tipo* de padecimento pelo qual Cristo passou, ou então que todos os cristãos sofram no *mesmo grau*? É óbvio que não. Existem as mais diversas formas de sofrimento que se possa imaginar, incluindo o sofrimento moral. E no decorrer do tempo, os cristãos estiveram sujeitos a todas estas. Muitos sofreram horivelmente de maneira física, mas muitos enfrentaram sofrimentos de outras espécies. O ‘sofrer juntamente’, portanto, não significa sofrer *com a mesma intensidade* e nem que todas as pessoas envolvidas passem pelo *mesmo tipo* de sofrimento.

Estas idéias podem perfeitamente se ajustar à “glorificação”. Embora Paulo tenha usado a palavra “juntamente”, tal expressão não nos obriga a entender que todos os “filhos de Deus” tenham de ser “glorificados” *no mesmo nível e da mesma maneira*. O tipo pode variar de “filho” para “filho”, conforme a decisão final de Deus, o Pai.

Tal entendimento alternativo sobre a ‘glorificação’ pode ser também aplicado às palavras acompanhantes de Paulo no restante desse capítulo 8 (versículos 18 a 39). Examinemos dois últimos exemplos pertinentes, os quais, em uma primeira análise, pareceriam apoiar a idéia da Torre de Vigia (versículos entre parêntesis):

(23) “... esperamos seriamente a adoção como filhos, sermos livrados de nossos corpos por meio de resgate.”

“Sermos livrados de nossos corpos” pode de fato significar uma mudança de um corpo físico para um espiritual, mas não necessariamente. Paulo acrescenta que isso ocorre “por meio de resgate”. O resgate se aplica a todos os que têm fé em Cristo. Portanto, um entendimento alternativo destas palavras é a pessoa ser soerguida à *perfeição física*, ‘livrando-se’ de um corpo imperfeito e de uma condição pecaminosa.

(29) “... aqueles a quem deu o seu primeiro reconhecimento, a [esses] também predeterminou que fossem modelados segundo a imagem de seu Filho, para que este fosse primogênito entre muitos irmãos.”

Sermos ‘modelados segundo a imagem de Cristo’ pode envolver receber um corpo espiritual semelhante ao dele. Mas não necessariamente. Segundo a Bíblia, Adão foi criado “à imagem de Deus” (Gênesis 1:27), mas ele não recebeu um corpo igual ao de Deus. O que se concedeu ao homem foram *atributos espirituais* semelhantes aos de Deus. O que Paulo diz neste versículo 29 pode igualmente ser entendido em sentido *espiritual*.

E assim por diante. Quando examinamos todas as palavras do restante do capítulo, em *nenhum caso* é obrigatório que haja apenas uma interpretação. O leitor pode confirmar isso lendo com atenção o que dizem esses versículos.

Tudo considerado, podemos concluir que as palavras de Paulo neste capítulo 8 de sua carta aos romanos não dão qualquer base para estabelecer uma distinção arbitrária entre os cristãos, restringindo os termos “filhos de Deus”, “herdeiros de Deus”, “co-herdeiros de Cristo” ou ‘testemunho do espírito’ a apenas um grupo de 144.000, conforme ensina a Torre de Vigia.

Muito pelo contrário, se o conteúdo do capítulo tivesse realmente algo que ver com a comemoração da morte de Cristo, ele poderia muito bem ser usado como argumento *a favor* e não contra a participação geral de todos os cristãos no pão e no vinho.

O OBJETIVO DA PARTICIPAÇÃO NO PÃO E NO VINHO

SEMPRE QUE um ensino da Torre de Vigia é contestado, a reação da liderança da organização segue o mesmo padrão. Ou as evidências que contradizem o ensino são totalmente ignoradas ou se tenta lidar com elas de modo parcial, e através do uso de argumentação tendenciosa. Examinamos nesta série diversos exemplos disso.

Acrescente-se a isso outro método também usado com frequência pelos homens da liderança: enaltecer a organização e seus ensinamentos, ao mesmo tempo em que rebaixam as pessoas que estão questionando e o próprio questionamento em si, referindo-se a ambos em termos bem depreciativos.

Vejam um exemplo. Transcrevemos abaixo o parágrafo 14 do livro *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!* (capítulo 9, páginas 44 e 45):

¹⁴ Desde os dias primitivos, a congregação cristã teve de contender com apóstatas orgulhosos, os quais, com conversa suave e enganosa, “causam divisões e motivos para tropeço contra o ensino” provido por meio do canal de Jeová. (Romanos 16:17, 18) O apóstolo Paulo advertiu contra esta ameaça em quase todas as suas cartas. Nos tempos modernos, em que Jesus restabeleceu a verdadeira congregação na sua pureza e unidade cristãs, permanece ainda o perigo do sectarismo. Portanto, todos os que talvez estivessem inclinados a seguir um grupo dissidente, formando assim uma seita, deviam acatar as próximas palavras de Jesus: ***“Arrepende-te, portanto. Se não, virei a ti depressa e guerrearei com eles com a longa espada da minha boca.” — Revelação 2:16.***

Logo no parágrafo seguinte a este, são dados diversos exemplos do que estaria incluído nessa “conversa suave e enganosa”. Entre as acusações feitas, encontra-se a seguinte:

“Esses inventam as suas próprias idéias sobre a Comemoração da morte de Jesus...”

Ora, se esses que questionam ensinamentos da Torre de Vigia estão na verdade questionando “o canal de Jeová”, e se o que eles dizem não passa de “conversa suave e enganosa” e de ‘idéias sectárias’, então nenhum cristão que se preza iria gastar tempo investigando isso, não é verdade? Por que

alguém daria atenção a “idéias inventadas”, originadas na imaginação de “apóstatas orgulhosos”?

Além dessa linguagem fortemente pejorativa, seguida por uma ameaça de punição às mãos de Cristo, os dois parágrafos também se expressam em termos bem vagos. Em se tratando da Comemoração, não dizem aos leitores o que exatamente esses “apóstatas” da atualidade estão ‘inventando’. Mas não é difícil descobrir. Se, como vimos até aqui, não há discussão quanto a se a Comemoração deve ser feita uma vez por ano, ou se deve ser após o pôr-do-sol ou qualquer outro detalhe desse gênero, então o livro só pode estar se referindo à questão da *participação geral* dos cristãos no pão e no vinho, algo que é *proibido* pela organização Torre de Vigia.

Mas será que argumentar que o pão e o vinho da celebração nada têm que ver com “esperança de vida celestial” e sim unicamente com o sacrifício de Cristo e que, desta forma, todos os celebrantes podem e devem participar desses alimentos, demonstrando fé no valor desse sacrifício é “inventar idéias sobre a Comemoração da morte de Jesus”?

Para a conveniência do leitor, reunimos aqui os principais textos bíblicos relacionados *diretamente* com o pão e o vinho:

João 6:48-52; 53-55:

“Eu sou o pão da vida. Vossos antepassados comeram o maná no ermo, e, não obstante, morreram. Este é o pão que desce do céu, para que qualquer um possa comer dele e não morrer. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e, de fato, o pão que eu hei de dar é a minha carne a favor da vida do mundo.”

...Concordemente, Jesus disse-lhes: “Digo-vos em toda a verdade: A menos que comais a carne do Filho do homem e bebais o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos. Quem se alimenta de minha carne e bebe meu sangue tem vida eterna, e eu o hei de ressuscitar no último dia; pois a minha carne é verdadeiro alimento, e o meu sangue é verdadeira bebida.

Embora tais palavras tenham parecido chocantes para muitos, mais tarde ficou claro que esse ato de ‘comer e beber’ seria efetuado de maneira *representativa*. A conhecida passagem de Mateus 26:26-28 mostra isso:

Ao continuarem a comer, Jesus tomou um pão, e, depois de proferir uma bênção, partiu-o, e, dando-o aos discípulos, disse: “Tomai, comei. Isto significa meu corpo.” Tomou também um copo, e, tendo dado graças, deu-lho, dizendo: “Bebei dele, todos vós; pois isto significa meu ‘sangue do pacto’, que há de ser derramado em benefício de muitos, para o perdão de pecados”.

Numa de suas cartas apostólicas, Paulo confirmou esse mesmo entendimento. Em 1 Coríntios 10:16, encontramos estas palavras:

O copo de bênção que abençoamos, não é uma participação no sangue do Cristo? O pão que partimos, não é uma participação no corpo do Cristo?

Um pouco à frente, em 1 Coríntios 11:23-26, reafirmando a instrução de Jesus, ele disse:

Pois eu recebi do Senhor o que também vos transmiti, que o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue, tomou um pão, e, depois de ter dado graças, partiu-o e disse: “Isto significa meu corpo em vosso benefício. Persisti em fazer isso em memória de mim.” Ele fez o mesmo também com respeito ao copo, depois de tomar a refeição noturna, dizendo: “Este copo significa o novo pacto em virtude do meu sangue. Persisti em fazer isso, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.” Pois, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este copo, estais proclamando a morte do Senhor, até que ele chegue.

Mas ele deu um alerta com referência à *atitude* dos celebrantes. Foi por isso que disse em 1 Coríntios 11:27-29:

Conseqüentemente, quem comer o pão ou beber o copo do Senhor indignamente, será culpado com respeito ao corpo e ao sangue do Senhor. Primeiro, aprove-se o homem depois de escrutínio, e deste modo coma do pão e beba do copo. Pois, quem come e bebe, come e bebe julgamento contra si mesmo, se não discernir o corpo.

Todas estas referências bíblicas são muito consistentes em associar esse pão e vinho unicamente com a ‘memória de Cristo’ e a ‘proclamação da morte sacrificial dele’. A “vida eterna” e o “perdão de pecados” estão disponíveis para “qualquer um” que depositar fé neste sacrifício e simbolizar isto por ‘comer o pão e beber o copo’, fazendo-o de maneira digna e com discernimento.

Devemos nos perguntar: O que exige esforço da imaginação: Aceitar o que estes textos dizem claramente ou extrair deles a idéia de que participar no pão e no vinho significa obrigatoriamente que a pessoa vai para o céu? É justo acusar os que não concordam com a limitação da participação a um grupo de 144.000 de estarem “promovendo seita”, colocando-os na condição de merecedores da punição divina, caso não se ‘arrependam’? À luz do que os textos acima dizem, quem é que está realmente ‘inventando suas próprias idéias sobre a Comemoração da morte de Jesus’?

Que o leitor reflita cuidadosamente acerca destas questões.

RESUMO E PERGUNTAS RESPONDIDAS

TUDO O QUE FOI APRESENTADO nas sete partes anteriores desta série pode ser resumido assim:

1. Quando instituiu a comemoração, Jesus fez um “pacto para um reino” com seus apóstolos fiéis. Mas o pão e o vinho da celebração não foram associados com este, e sim *com o “novo pacto”*;
2. Assim como o pacto anterior havia sido celebrado entre Deus e *todos os judeus*, sendo Moisés o mediador, o “novo pacto” foi celebrado entre Deus e *todos os cristãos*, tendo a Jesus como mediador e sendo validado pelo sangue deste;
3. Existe o mais amplo paralelismo entre a Páscoa judaica e a comemoração cristã. Se *todos os convidados* participavam dos alimentos da Páscoa, isto indica que deve ocorrer o mesmo na celebração instituída por Jesus;
4. O cristão deve participar do pão e do vinho *de maneira digna, tendo em mente o significado destes alimentos e discernindo que é membro do “corpo de Cristo”*. Procedendo desta forma, ele não está sujeito ao julgamento adverso de Deus;
5. Comer o pão e beber o vinho na comemoração é o mesmo que ‘comer a carne e beber o sangue de Cristo’ *de maneira simbólica*;
6. Todo cristão que é ‘conduzido pelo espírito’ é *“filho de Deus” e recebe o “testemunho do espírito”* que confirma essa condição;
7. O perdão de pecados e a vida eterna dependem da fé no sacrifício de Cristo. A participação nos alimentos servidos na refeição comemorativa desse sacrifício é *uma demonstração simbólica dessa fé*.

Quando confrontadas com toda a evidência apresentada nesta série, que conduz às conclusões acima, algumas pessoas que conhecem a doutrina da

Torre de Vigia expressam certas preocupações. Em vista disso, fazemos a seguir algumas considerações que cremos ser de ajuda no sentido de amenizá-las. São cabíveis as seguintes perguntas:

1 – SERÁ QUE É APROPRIADO QUESTIONAR ESSA PROIBIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO TORRE DE VIGIA?

É interessante que, na mesma publicação citada na parte anterior, o livro *Revelação — Seu Grandioso Clímax Está Próximo!*, página 45, parágrafo 15, encontramos a seguinte acusação adicional que a Torre de Vigia lança contra todo aquele que questiona seus ensinamentos:

¹⁵ Como começa o sectarismo? Alguém que se arvora em instrutor talvez semeie dúvidas, questionando alguma verdade bíblica...

O objetivo do uso dessa linguagem é sutilmente implantar na mente dos leitores a idéia de que somente a organização Torre de Vigia tem autoridade para instruir, e por isso é inapropriado alguém questionar ensinamentos dela. Qualquer um que ouse fazer isso está “se arvorando em instrutor”.

Infelizmente muitos deixam de perceber que essa premissa é antibíblica. Por que dizemos isso com tanta convicção? Por causa do que está registrado em Mateus 23:8:

“Mas vós, não sejais chamados Rabi, pois um só é o vosso instrutor, ao passo que todos vós sois irmãos.”

As pessoas que questionam ensinamentos da organização Torre de Vigia, não estão, certamente, colocando-se na posição de “instrutores”. O texto acima deixa bem claro quem é que verdadeiramente tem autoridade para instruir os cristãos. No máximo, tudo o que foi escrito nesta série de artigos simplesmente *reafirma uma instrução de Cristo*.

Difícilmente alguém que publica uma matéria que reafirma uma instrução dele, pode ser acusado de estar usurpando sua autoridade como Instrutor, ainda mais quando essa pessoa não alega ocupar uma posição elevada, de maneira que todos sejam obrigados a acatar suas idéias.

Esse tipo de acusação aplica-se muito mais a quem elabora toda uma argumentação que contradiz o ensino bíblico e influencia milhões de pessoas a *deixarem de acatar algo que o Instrutor dos cristãos mandou fazer, ousando até mesmo proibi-las de obedecer à instrução dele*.

2 – EXAMINEI CUIDADOSAMENTE TODA A EVIDÊNCIA APRESENTADA E CHEGUEI À CONCLUSÃO QUE TODOS OS

CRISTÃOS PRECISAM PARTICIPAR CONSCIENCIOSAMENTE DO PÃO E DO VINHO NA CELEBRAÇÃO DA MORTE DE CRISTO. QUE DEVO FAZER AGORA?

Parte desta pergunta já foi respondida na anterior. Embora tenhamos demonstrado que a argumentação usada pela Torre de Vigia como base para impedir a participação de todos os cristãos no pão e no vinho da comemoração, seja seriamente falha e contradiga ensinamentos claros das Escrituras, ainda assim não nos sentimos em posição de dizer às pessoas o que fazer. Cada cristão é livre para seguir sua consciência, conhece sua própria situação na vida e tem condições de determinar o que é melhor para si. Mas talvez as idéias que seguem possam ser de ajuda.

A preocupação de muitos que fazem a pergunta acima é quanto ao aspecto *formal* da celebração. Os que são Testemunhas de Jeová, ou foram no passado, conhecem muito bem todos os procedimentos que a Torre de Vigia estabeleceu. Para muitas dessas pessoas, chega a ser inconcebível que a comemoração da morte de Cristo possa ser realizada em seus lares particulares e ainda ter o mesmo “valor” daquela realizada nos Salões do Reino. Porém, informações bíblicas simples são suficientes para eliminar esta preocupação.

Onde foi que Jesus instituiu a celebração? Os evangelhos nos informam que foi na sala de um sobrado (Veja Marcos 14:15 e Lucas 22:12). Isso porque ele instituiu a celebração no mesmo lugar onde comemorou a Páscoa com seus apóstolos. Aliás, este é mais um detalhe no qual a Torre de Vigia é inconsistente. Enquanto os líderes da organização preocupam-se em seguir de perto os procedimentos da Páscoa judaica como modelo para a celebração da morte de Cristo (exemplos: dia, horário, uso de pão de trigo, etc.), eles parecem esquecer que a Páscoa era uma celebração realizada *em lares particulares*. E quando instituiu a comemoração, Jesus estava *num lar particular* com seus apóstolos, e não num edifício religioso. E não há qualquer evidência bíblica de que os primitivos cristãos se reuniam em edifícios religiosos para realizarem a celebração.

É verdade que a liderança da Torre de Vigia (e provavelmente os líderes de outras organizações religiosas) nunca afirma *diretamente* que a comemoração só é “válida” se for realizada nos templos de culto da religião (no caso das Testemunhas, o Salão do Reino). Mas é um fato que nas mentes das Testemunhas em geral é esta a idéia que impera, e os líderes da organização a promovem indiretamente de várias maneiras. Vale lembrar, porém, as seguintes palavras de Jesus, que aparecem em Mateus 18:20:

“Pois, onde há dois ou três ajuntados em meu nome, ali estou eu no meio deles.”

Poderia haver uma reunião onde tais palavras de Cristo tenham mais aplicação do que na *comemoração da morte dele*? Pode-se extrair de tais palavras simples, a idéia de que a celebração tenha de ocorrer num local específico, tal como o templo de culto duma igreja e com a presença de um expressivo número de celebrantes? Esta frase dita por Cristo mostra que, com certeza, ele não pensa que a presença de centenas de pessoas reunidas num local confira mais valor à celebração do que a presença de apenas duas ou três pessoas numa casa particular.

Tendo em vista as idéias acima, não há realmente motivo para preocupação com tais aspectos mecânicos da comemoração. Se o leitor examinou todo o conteúdo apresentado nesta série com base bíblica e concluiu conscientemente que a participação deve ser *geral*, é perfeitamente livre para recordar o sacrifício de Cristo no local que lhe for conveniente, sem precisar entrar em confrontação com quem quer que seja. Pois, biblicamente falando, o que é importante na celebração é *o que se faz e a atitude com que é feito*, e não *onde se faz*.

CONCLUSÃO

ALÉM DE CONDUZIR milhões de pessoas a não acatarem a instrução de Cristo, a organização Torre de Vigia procura determinar até mesmo qual deve ser a reação das pessoas a isso.

A publicação intitulada *Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra*, páginas 201 e 202 (trechos dos parágrafos 29 e 30) estabelece o contraste entre o que é feito pelos “ungidos” e pelos “milhões de outros” que comparecem à comemoração feita nos Salões do Reino das Testemunhas de Jeová:

29... as Testemunhas de Jeová realizam todo ano uma reunião especial, no aniversário da morte de Jesus. ... Assim, nessa refeição noturna comemorativa, anual, os do restante dos 144.000 seguidores ungidos de Cristo na terra dão prova de sua esperança celestial por participarem do pão e do vinho.

30 Os milhões de outros que assistem a essa Comemoração nos Salões do Reino em toda a terra têm prazer em ser observadores. ...

Poderíamos levantar a questão quanto a se todos esses milhões de pessoas (Testemunhas de Jeová “não-ungidas” e convidados) sentem realmente prazer em ser apenas “observadores”. Determinar precisamente quais são os pensamentos e sentimentos de milhões de pessoas é algo realmente complicado. Provavelmente é mais correto dizer que muitos, talvez a maioria dessas pessoas contentam-se em ficar nessa condição porque vieram a aceitar os argumentos da liderança da organização. As Testemunhas de Jeová são cabalmente doutrinadas nesse sentido. A idéia de que é errado questionar ensinamentos da liderança é enfatizada constantemente nas publicações da organização, e em razão disso, muitos encaram tal questionamento como um pecado dos mais graves.

Nesse assunto da comemoração, por exemplo, vimos que os argumentos chegam a ter um tom intimidador. As publicações vão ao ponto de proibir a participação para aqueles que não são do “restante ungido”. E muitos, por se julgarem “indignos”, vêem a sua própria participação como algo errado, quase “pecaminoso”. Mesmo que algumas pessoas tenham certas dúvidas ou até estejam plenamente cientes da falta de validade desses argumentos, ainda assim se refreiam de participar para evitar a confrontação ou devido à atenção que isso atrairia. E não é exagero dizer que há também muitos que nem sequer se preocupam em examinar esse assunto, simplesmente aceitando o

que quer que a organização Torre de Vigia diga, por mais antibíblico que o ensino possa ser.

Contudo, em vez de nos determos na análise do que cada uma dessas pessoas pensa ou sente, há uma pergunta muito mais importante que devemos fazer: Como é que o Senhor da Comemoração encara isso? Tem ele prazer em presenciar esta situação?

Façamos a seguinte ilustração: Imagine que você seja dono de uma casa e convide muitos amigos seus para uma refeição. Desejaria você que apenas um ou dois destes amigos provassem dos alimentos oferecidos, com base na “dignidade” superior que estes talvez tenham em relação aos demais? Proibiria você a maioria dos seus convidados de comer, determinando que eles se contentassem em apenas observar os outros comerem e ainda tivessem prazer nisso? E você, como anfitrião? Teria prazer nessa maneira de estabelecer as coisas?

É verdade que, no caso da comemoração da morte de Cristo muito mais está envolvido do que simples alimentação. Mas isso só acentua a seriedade da questão. Não podemos perder de vista o fato de que não são homens ou organizações religiosas que nos estendem o convite para o evento. Quem faz isso é o próprio Cristo. Assim, é o pensamento dele, conforme expresso na Palavra de Deus, que deve ser nossa preocupação, e não o que é ensinado por pessoas que afirmam ser seus representantes na Terra.

Como já dissemos, não é o caso de a simples participação garantir alguma coisa. Os membros de outras organizações religiosas que talvez critiquem as Testemunhas de Jeová por estas deixarem de participar, fariam muito melhor se examinassem sua própria participação na comemoração, para averiguar se esta não é apenas pró-forma. As palavras de Paulo em 1 Coríntios capítulo 11 (conforme abordadas na Parte 5) tornam claro quão vital é que cada pessoa faça esse auto-exame. Além do mais, conforme mostramos nesta série, não são as Testemunhas de Jeová que decidiram deixar de participar. Elas agem assim por causa do que sua liderança persiste em ensinar.

O maior dano causado por este ensino é que se nega à grande maioria das pessoas que comparecem ao evento uma oportunidade de *demonstrar pessoalmente* sua fé no sacrifício de Cristo. É verdade que todas as pessoas que vão aos Salões do Reino das Testemunhas de Jeová ficam com a mente voltada para o ato de amor realizado por Jesus. No entanto, como a vasta maioria das pessoas comparece lá apenas para “observar”, cada uma delas é privada do ingrediente principal para tirar o maior proveito da celebração. Pois é quando *participamos ativamente* que temos a oportunidade de examinar se estamos realmente “discernindo o corpo”, de examinar “o que nós mesmos somos” e de comer e beber ‘de maneira digna’. Temos também a melhor condição de sentir *de modo pessoal* que o sacrifício de Cristo foi feito

para cada um nós, independentemente de nossa posição ou situação na vida. E a participação nos dá a oportunidade de demonstrar que *aceitamos pessoalmente* esse sacrifício feito por nós.

Instamos, portanto, ao leitor desta série, que reflita em tudo o que foi discutido. Se o seu exame das Escrituras e sua consciência tornarem evidente que o anfitrião da refeição estendeu o convite a você, e deseja que você tome parte ativa nela, tem toda a liberdade para aceitar este convite. E pode ter a plena certeza de que sua participação na refeição dá grande prazer a ele.

APÊNDICE 01

O DISCURSO DA COMEMORAÇÃO DA TORRE DE VIGIA (ESBOÇO COMENTADO)

[FRENTE]

CELEBRAÇÃO DA “REFEIÇÃO NOTURNA DO SENHOR”

Cântico N.º 87 e oração inicial.

O MODELO PARA A “REFEIÇÃO NOTURNA DO SENHOR” FOI FORNECIDO POR JESUS (3 min)

A primeira Refeição Noturna do Senhor foi celebrada em 14 de nish de 33 EC.

Jesus e seus 11 apóstolos fiéis estavam presentes naquela ocasião.

Jesus sabia que logo daria a sua vida como sacrifício perfeito.

Providenciou que seu sacrifício fosse lembrado numa cerimônia simples. [Leia Lucas 22:19, 20.]

A morte de Jesus é comemorada uma vez por ano; esta ocasião é um lembrete da amorosa provisão do resgate.

Jeová mostrou amor por fazer esta provisão, e Jesus mostrou amor por desempenhar seu papel.

POR QUE UM RESGATE ERA NECESSÁRIO (7 min)

Quando Adão desobedeceu a Deus, ele perdeu a perspectiva de vida eterna.

Todos os descendentes de Adão herdaram dele tendências pecaminosas.

O salário pago pelo pecado é a morte. [Leia Romanos 6:23a.]

Os humanos imperfeitos não podem remir a si mesmos.

Deus, por meio do resgate, providenciou a dádiva da vida eterna para a humanidade por intermédio de Jesus Cristo. [Leia Romanos 6:23b.]

Jesus morreu voluntariamente para que homens obedientes pudessem ter vida.

Eles precisam exercer fé em Cristo para ter vida eterna. [Leia João 3:16, 36.]

“Exercer fé” requer ação da nossa parte. [Leia Tiago 2:24, 26.]

Os aprovados por Deus estão em condições de receber vida eterna, quer no céu, quer na Terra.

OS DO “PEQUENO REBANHO” E DAS “OUTRAS OVELHAS” TIRAM PROVEITO DO RESGATE (13 min)

Jeová decide onde cada um dos dedicados e batizados servirá.

Os do “pequeno rebanho” recebem a vida eterna no céu. (Lu 12:32)

O número é limitado a 144.000. [Leia Revelação 14:1.]

A maioria destes foi ajuntada antes do nosso tempo; apenas um restante ainda existe.

A assistência na comemoração em todo o mundo, no ano passado, foi de _____, mas apenas _____ participaram dos emblemas, indicando que tinham esperança celestial.

Os do “pequeno rebanho” levam o nome de Jeová Deus e de Jesus Cristo. (re 199, 200; Lu 12:32; Re 14:1)

Eles “hão de reinar sobre a terra”. (Re 5:10)

Como parte do arranjo do Reino, eles transmitirão indizíveis bênçãos aos humanos obedientes.

O espírito de Deus dá aos do “pequeno rebanho” a garantia pessoal de que eles têm uma esperança celestial. [Leia Romanos 8:16, 17.]

Foram incluídos no novo pacto, à base do qual são ajuntados os israelitas espirituais.

Visto que Jesus se referiu ao “novo pacto” quando instituiu a Refeição Noturna do Senhor, somente os que estão no novo pacto participam dos emblemas. (Lu 22:20)

São chamados de “*primícias* para Deus”. [Leia Revelação 14:4.]

Esta expressão dá a entender que outros também receberão o favor de Deus.

Os das “outras ovelhas” usufruirão a vida eterna na Terra. [Leia João 10:16.]

São muito favorecidos por Jeová Deus, que os chama de “abençoados” e de “meu povo”. [Leia Isaías 65:21-23.]

Os membros tanto da classe celestial como da terrestre têm motivo para serem gratos pela bondosa provisão do resgate.

Ao passo que os ungidos participam dos emblemas, os das outras ovelhas estão presentes como observadores respeitosos, refletindo com apreço no resgate.

O QUE OS EMBLEMAS REPRESENTAM (2 min)

O pão e o vinho representam o corpo e o sangue de Cristo, o sacrifício perfeito.

O pão não levedado representa o corpo sem pecado de Jesus. (1Co 5:7, 8)

O vinho tinto representa o sangue dele, derramado em sacrifício, que constitui a base do novo pacto e torna possível o perdão de pecados. (Mt 26:27, 28)

[VERSO]

CELEBRAMOS HOJE A COMEMORAÇÃO DA MORTE DE CRISTO (12 min)

Esta noite seguiremos o modelo fornecido por Jesus para a celebração da Refeição Noturna do Senhor.

[Leia e comente brevemente 1 Coríntios 11:23, 24.]

Jesus fez uma oração e passou o pão aos 11 apóstolos.

Um irmão habilitado (preferivelmente dos ungidos) faz a oração, e então passa-se o pão.

[Leia e comente brevemente 1 Coríntios 11:25.]

Jesus orou e então ofereceu vinho aos seguidores.

Outro irmão habilitado (preferivelmente dos ungidos) faz a oração e então passa-se o vinho.

[É opcional o orador fazer comentários enquanto os emblemas são passados.]

OS BENEFÍCIOS DE ESTARMOS PRESENTES NESTA CELEBRAÇÃO DA COMEMORAÇÃO (8 min)

Como podemos mostrar apreço pela Comemoração?

Se você ainda não foi batizado, continue a empenhar-se para atingir este alvo.

Edifique a sua fé por assimilar conhecimento. (Jo 17:3)

Ao passo que sua fé aumenta, terá força para cumprir outros requisitos — arrependimento, conversão, dedicação e batismo.

Depois de batizado, tem de continuar a ser fiel.

Todos precisam assistir regularmente às reuniões, não apenas em ocasiões especiais. (He 10:23-25)

Empenhe-se na pregação. (At 1:8)

Tanto os ungidos como os das outras ovelhas precisam acatar as mesmas normas de conduta.

Convidamos todos os habilitados a participar esta semana no ministério de campo.

Continue a assimilar conhecimento dos propósitos de Jeová.

Cântico N.º 105 e oração final.

[Apenas os textos em **negrito** precisam ser lidos. Referências: *w*90 15/2 10-20; *it*-3 391-5; *gt* 114, 115.]

S-31-T — página 2

© 2000 Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania e
Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados

A SER ABRANGIDO EM 45 MINUTOS

Todos os direitos reservados

COMENTÁRIOS

(AGRUPADOS POR SUBTÓPICOS, OS QUAIS APARECEM EM AZUL)

O MODELO PARA A “REFEIÇÃO NOTURNA DO SENHOR” FOI FORNECIDO POR JESUS (3 min)

Declara-se como fato estabelecido que “a morte de Jesus é comemorada uma vez por ano”. A Sentinela de 15 de março de 1994 é uma das publicações que defende a frequência anual como a única correta e critica outras organizações religiosas que comemoram com frequências diferentes. A página 4 diz:

Muitas Igrejas afirmam que guardam esta celebração junto com todas as suas outras festividades, mas a maioria delas a comemora de forma diferente do modo ordenado por Jesus. Talvez a mais notável diferença seja a *frequência* da celebração.

Todavia, como vimos, ao estabelecer o “modelo” para a celebração, o próprio Jesus não falou numa “frequência” obrigatória. O que ele *disse* foi que todos deveriam ‘persistir’. Ao mencionar o assunto, Paulo usou a expressão “todas

as vezes”, mas também não estabeleceu uma frequência “correta” para isso. O que Jesus de fato *disse* foi que todos deveriam ‘comer e beber’; *participar dos alimentos da celebração*. E isso a liderança das Testemunhas de Jeová proíbe. Esta sim é que constitui “a mais notável diferença” entre a comemoração da Torre de Vigia e a das outras igrejas.

OS DO “PEQUENO REBANHO” E DAS “OUTRAS OVELHAS” TIRAM PROVEITO DO RESGATE (13 min)

Cita-se o texto de Lucas 12:32 (que fala no “pequeno rebanho”) e depois é lido o texto de Revelação 14:1 (que fala sobre os 144.000). Transmitem-se as doutrinas organizacionais de que ambos os textos tratam do *mesmo grupo* e que o número 144.000 é *literal*. A própria Bíblia não ensina estas coisas.

O texto de Romanos 8:16,17 é lido e aplicado unicamente ao “pequeno rebanho” (que a organização diz ser os 144.000). O contexto destes versículos é completamente desconsiderado. (Veja a Parte 7 desta série)

Menciona-se o “novo pacto” e transmite-se a idéia de que *apenas os 144.000* (o “pequeno rebanho” que vai para o céu) estão nele, sendo os únicos autorizados a participar do pão e do vinho. Não se menciona que ao estabelecer o “novo pacto” Jesus nada falou sobre esperança celestial e sim sobre “perdão de pecados” é que “muitos” seriam beneficiados. (Veja a matéria nas Partes 2 e 3 desta série)

Declara-se que “os das “outras ovelhas” usufruirão a vida eterna na terra” e é lido o texto de João 10:16. O próprio texto, porém, não trata do destino eterno dessas “outras ovelhas”. Diz simplesmente que elas se tornarão “um só rebanho” com as “ovelhas” que Cristo já tinha no momento em que estava dizendo isso.

Após transmitir todas estas doutrinas, o orador enfatiza a norma organizacional de que só os “ungidos” podem participar do pão e do vinho. Os demais estão lá como “observadores respeitosos”. Não podem participar, e sim apenas ‘refletir’.

CELEBRAMOS HOJE A COMEMORAÇÃO DA MORTE DE CRISTO (12 min)

Diferente do esboço anterior, não se cita o texto completo de 1 Coríntios 11:17-34. Lêem-se apenas os versículos 23 a 25. Assim não se faz qualquer

referência à ‘participação indigna’, aplicando-a aos que não são “ungidos” (embora o próprio orador possa dizer isso, já que a doutrina ainda não foi mudada oficialmente). Mas este esboço manteve a prática de designar ambas as orações para um irmão “preferivelmente dos ungidos”. Não se esclarece o motivo desta preferência. Mas este detalhe ilustra bem a distinção que a organização faz entre estes “ungidos” e as demais Testemunhas que estão lá como “observadores”.

OS BENEFÍCIOS DE ESTARMOS PRESENTES NESTA CELEBRAÇÃO DA COMEMORAÇÃO (8 min)

Nesta parte concludente do discurso, a grande assistência que normalmente vem a esta reunião anual é incentivada a aumentar o seu envolvimento com a organização Torre de Vigia.

Como resposta à pergunta: “Como podemos mostrar apreço pela Comemoração?”, não se faz mais uma única menção a Cristo ou à reflexão no sacrifício dele. O que se faz é incentivar os convidados a se batizarem como Testemunhas de Jeová, ao estudo das publicações da organização, ao comparecimento às outras reuniões no Salão do Reino e à participação no “ministério de campo” (a atividade de porta em porta, realizada pelas Testemunhas de Jeová).

Assim, praticamente toda a ênfase é desviada da reflexão no sacrifício de Cristo para a promoção das atividades da Torre de Vigia. É evidente e reconhecido que os líderes vêm na grande assistência que comparece a esta reunião um excelente potencial para a expansão organizacional.

APÊNDICE 02

ASSISTÊNCIAS MUNDIAIS À COMEMORAÇÃO DA TORRE DE VIGIA

ANO	PRESENTES	PARTICIPANTES
1899		2.501
1900		c. 2.600
1901		Relatório incompleto ¹
1902		4.725
1903		Relatório incompleto
1904		Relatório incompleto
1905		Relatório incompleto
1906		6.267
1907		Relatório incompleto
1908		8.393
1909		9.245
1910		9.664
1911		10.507
1912		Relatório incompleto
1913		Relatório incompleto
1914		Relatório incompleto
1915		15.430
1916		Relatório incompleto
1917		21.274
1918		Relatório inexistente ²
1919		17.961
1920		Relatório incompleto
1921		Relatório incompleto
1922		32.661
1923		42.000

1924		62.696
1925		90.434
1926		89.278
1927		88.544
1928		17.380
1929		Relatório incompleto
1930		Relatório incompleto
1931		Relatório incompleto
1932		Relatório incompleto
1933		Relatório incompleto
1934		Relatório incompleto
1935	63.146 ³	52.465
1936	Indeterminado ⁴	
1937	Indeterminado	
1938	69.345	36.732
1939	77.164	29.385
1940	96.989	27.711
1941	98.076	23.989
1942	140.450	24.035
1943	154.367	23.577
1944	170.458	22.684
1945	186.247	22.328
1946	266.201	27.587
1947	339.125	26.745
1948	376.393	25.395
1949	453.274	24.312
1950	511.203	22.723
1951	623.760	21.619
1952	667.099	20.221
1953	742.565	19.183
1954	829.836	17.884
1955	878.303	16.815
1956	919.994	16.302

1957	1.075.163	15.628
1958	1.171.789	15.037
1959	1.283.603	14.511
1960	1.519.821	13.911
1961	1.553.909	13.284
1962	1.639.681	12.714
1963	1.693.752	12.292
1964	1.809.476	11.953
1965	1.933.089	11.550
1966	1.971.107	11.179
1967	2.195.612	10.981
1968	2.493.519	10.619
1969	2.719.860	10.368
1970	3.226.168	10.526
1971	3.453.542	10.384
1972	3.662.407	10.350
1973	3.994.924	10.523
1974	4.550.457	10.723
1975	4.925.643	10.550
1976	4.972.571	10.187
1977	5.107.518	10.080
1978	5.095.831	9.762
1979	5.323.766	9.727
1980	5.726.656	9.564
1981	5.987.893	9.601
1982	6.252.787	9.529
1983	6.767.707	9.292
1984	7.416.974	9.081
1985	7.792.109	9.051
1986	8.160.597	8.927
1987	8.965.221	8.808
1988	9.201.071	8.685
1989	9.479.064	8.734

1990	9.950.058	8.869
1991	10.650.158	8.850
1992	11.431.171	8.683
1993	11.865.765	8.693
1994	12.288.917	8.617
1995	13.147.201	8.645
1996	12.921.933	8.757
1997	14.322.226	8.795
1998	13.896.312	8.756
1999	14.088.751	8.755
2000	14.872.086	8.661
2001	15.374.986	8.730
2002	15.597.746	8.760
2003	16.097.622	8.565
2004	16.760.607	8.570
2005	16.383.333	8.524

1 - O livro *Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino de Deus*, pág. 717, ao apresentar uma tabela parcial, dá a seguinte explicação:

“Para o período de antes de 1932, os dados disponíveis da assistência à Comemoração muitas vezes são incompletos. Às vezes, apenas grupos de 15, 20, 30 ou mais eram incluídos nos totais publicados. Vale notar que, na maioria dos anos para os quais existem dados, estes mostram que pelo menos alguns dos presentes não eram participantes. Em 1933, a diferença era em torno de 3.000.”

Mas o motivo de ‘alguns dos presentes não serem participantes’ naquela época, não se devia a tais pessoas sentirem-se proibidas pela organização. Pelo contrário, incentivava-se a participação geral. O Pastor Russell cobrava isso regularmente, nas cartas que enviava às congregações dos “Estudantes da Bíblia”, conforme o exame das publicações da época mostra.

Mesmo a afirmação feita sobre o ano de 1933 carece de prova sólida. Não há como saber qual era aproximadamente a diferença entre “presentes” e “participantes” para aquele ano, já que não existem os relatórios completos. A distinção entre “presentes” e “participantes” só começou a ser feita depois do surgimento da doutrina sobre os 144.000 como número literal, em 1935. O

livro *As Testemunhas de Jeová no Propósito Divino* (1959, em inglês) confirma isso numa nota de rodapé da página 313:

“Primeiro registro de participantes no Memorial mantido para a celebração na quarta-feira, 17 de abril de 1935 (Boletim, Edição Extra, de março de 1935, página 2, coluna 3)”

É evidente que a Torre de Vigia prefere não chamar a atenção para as assistências do período anterior a 1935. Os expressivos totais de participantes na época dos “Estudantes da Bíblia” (principalmente nos anos 20, em plena presidência de Rutherford), tendem a enfraquecer a argumentação em favor da idéia de um número literal de 144.000. Essa quase total ausência de menção das assistências daquela época, ajuda também a esconder o fato de que ocorreu uma perda de aproximadamente 75% dos membros pela organização no final da década de 1920, devido ao fracasso da profecia sobre 1925 e também por causa das muitas mudanças doutrinárias que Rutherford estava implementando. Uma comparação entre os totais de 1927 e 1928 confirma a amplitude desse êxodo.

2 - O *Anuário das Testemunhas de Jeová de 1976*, pág. 94, diz:

“Devido às dificuldades internas e externas da organização em 1918, o total da assistência não foi compilado naquele ano.”

3 - Mesmo para o ano de 1935, os dados apresentados pela organização são conflitantes. A *Sentinela* de 15 de dezembro de 1988, pág. 12, parágrafo 10, por exemplo, alista uma assistência de 32.795, com 27.006 participantes. Outras publicações, incluindo o livro *Proclamadores*, apresentam os totais bem maiores que aparecem nesta tabela. É difícil determinar qual é a informação correta. Foram apresentados os números acima para aquele ano, em virtude de aparecerem no maior número de publicações.

4 - À base dos registros disponíveis, não foi possível determinar os totais de 1936 e 1937. Somente a partir de 1938 é que os dados podem ser considerados confiáveis. O livro *Santificado Seja o Teu Nome* (1963), página 333, declara:

³⁴ Pela primeira vez a edição inglesa da *Sentinela* de 15 de fevereiro de 1938, página 50, ao anunciar a vindoura celebração do Memorial, convidou os companheiros do restante, os jonadabes, para estarem presentes quando este celebrasse a “ceia anual do Senhor”, em 15 de abril de 1938.

Ou seja, os “jonadabes” (a “grande multidão” ou “outras ovelhas”) nem sequer podiam comparecer à celebração antes de 1938! Isso talvez explique por que não se pode achar o total de presentes em 1936 e 1937 e por que até mesmo o total de 1935 é incerto.

Ainda mais espantosa é a informação dada pelo membro do Corpo Governante mencionado na Parte 7. Como vimos, no mesmo parágrafo de sua autobiografia, citado naquela parte, ele declarou que:

“... naquele tempo não se entendia claramente se aqueles que tinham esperança terrestre deviam ser batizados ou não.”

Quando ele diz, “não se entendia claramente”, leia-se “não podia”. Naquele tempo, esses “que tinham esperança terrestre” não eram nem admitidos para o batismo cristão! Diante disso, não admira que não fossem convidados à celebração.

Foi só em 1935, quando Rutherford apresentou seu novo ensino de que a “grande multidão” é uma classe terrestre, que ele liberou definitivamente o batismo para este grupo. E em 1938, conforme mostrado acima, eles foram finalmente admitidos a comparecer à comemoração da morte de Cristo. Mas não como participantes, e sim apenas como “observadores”. Esta é a situação que se mantém entre as Testemunhas de Jeová até hoje.

MENTES BEREANAS
www.mentesbereanas.cjb.net